THE LIBRARY OF CONGRESS
1800

Class PQ9197
Book G758

1

21195
4298

# SEGUNDOS CANTOS

E

# SEXTILHAS DE FREI ANTÃO.

POR

*A. Gonçalves Dias.*

RIO DE JANEIRO.

—

1848.

# CANTOS E SEXTILHAS.

# SEGUNDOS CANTOS

E

## SEXTILHAS DE FREI ANTÃO.

POR

*A. Gonçalves Dias.*

RIO DE JANEIRO.

1848.

PQ9697
.D52S4

387270
'29

TYPOGRAPIA CLASSICA
DE JOSÉ FERREIRA MONTEIRO.
Rua d'Alfandega N. 84.

# PROLOGO.

O volume de poezias que agora submetto ás provas publicas, é dividido em duas partes. Nada direi sobre a primeira que não é senão a continuação dos «Primeiros Cantos;» é ainda o mesmo estylo, — o pensamento dominando em todo o verso, mas que seja menospresada a metrificação, — e a rima que naturalmente se lhe sugeita, — e o metro que se dobra em todos os sentidos, — e o verso que se accommoda a todos os tons como instrumento harmonioso, que sempre agrada, mesmo tangido por mãos inexperientes.

A segunda parte é um ensaio philologico, — são

sextilhas, em que adoptei por meos a frase e o pensamento antigo, procurando tornar o estylo liso e facil que não desagradasse aos ouvidos de hoje, e dar ao pensamento a côr forte e carregada d'aquelles tempos, em que a fé e a valentia erão as duas virtudes cardeaes, ou antes as unicas virtudes. Colloquei-me no meio d'aquellas epochas de crenças rigidas e profundas — talvez de fanatismo, — e esforcei-me por simplificar o meu pensamento, por sentir como sentião os homens de então, e por exprimil-os na lingoagem que melhor os pode traduzir — a dos Trovadores, — lingoagem simples mas severa, — rimada mas facil, — harmoniosa e valente sem ser campanuda nem guindada. Variei o rithmo das sextilhas para que não cançasse; quiz ver emfim que robustez e concisão havia nessa lingoagem semi-culta, que por vezes nos parece dura e mal soante, e extreitar ainda mais, se for possivel, as duas litteraturas — Brasileira e Portugueza, — que hão de ser duas, mas semilhantes e parecidas, como irmãs que descendem de um mesmo tronco e que trajão os mesmos vestidos, — embora os trajem por diversa maneira, com diverso gosto, com outro porte, e graça differente.

Sei que ao maior numero dos meus leitores não agradará esta segunda parte: era essa a minha convicção, então quando a escrevia, e agora que a vou publicar. Escrevi-a comtudo, porque acceito a inspiração quando e donde quer que ella me venha; — da imaginação ou da reflexão, — da natureza ou do estudo, — de um argueiro ou de uma chronica é-me indifferente: publico-as, se me agradão, rasgo-as, se me desprazem.

Á aquelles criticos porem que se comprazem com o nascimento de um auctor, que o seguem passo á passo durante a sua vida litteraria — animando-o pelo que nelle vêem de bom, reprovando o que lhes parece máo, franca e imparcialmente — sem amor como sem odio, mas só pelo amor das artes, e talvez por que lhe não desagradará ver a luta do auctor que começa, — a tenacidade do que porfia — a modestia do que triumpha, — para estes, digo, todo o volume é significativo — toda a obra caracteristica — todo o trabalho proveitoso.

Numerão os volumes, classificão as obras, aprecião o trabalho; — de todas as idéas formulão um só pensamento — de todas as côres formão um só quadro — de todos os traços uma só phisionomia.

Quando pois apparece um novo volume de um auctor qualquer, muito ou pouco conhecido, todo o seu trabalho é confrontal-o. Se o pensamento se enerva, se as côres desbotão, se a phisionomia se decompoem, — a morte vem proxima; a arvore vingou e deixa de vingar, — cresceo e torna-se rachytica, — produzio e torna-se esteril. Mas se pelo contrario o pensamento se vai tornando mais firme como um nó que se aperta, — se o quadro reluz como que o retocassem de novo, — se a phisionomia se expande como que mostra ledice, e contentamento, — a vida será longa; a arvore vingou e continúa a vingar, floresceo e dará novas flores, produzio e dará novos fructos.

Para estes não será sem attractivo esta minha publicação, não como arvore de esperançosos fructos, mas como arbusto pouco conhecido, que na sazão das flores se metamorphoseia, que toma novo

aspecto, e por ventura agrada pela sua extranheza.

Sobre o titulo que dei á primeira parte, bem se vê que não é um verdadeiro titulo, mas um simples numero: são hymnos, visões, poesias lyricas e americanas, composições diversas e variadas que eu irei publicando em quanto merecerem o favor do publico, se é que se dá o publico destas coisas.

Quanto ao da segunda parte, só tenho a dizer que era minha intenção publical-a com o pseudonymo de Frei Antão de Santa Maria de Neiva, cuja vida poderáõ ler os curiosos na Historia de S. Domingos P. 2.ª L. 3.° C. 4.° Mudei de resolução, conservando-lhe todavia o titulo, por que sem elle muitas das sextilhas serião inintelligiveis.

Rio de Janeiro. Fevereiro de 1848.

# SEGUNDOS CANTOS.

## CONSOLAÇÃO NAS LAGRIMAS.

Las lagrimas puras que entonces se vertem
Acaso diviertem
En vez de doler
ZORRILLA.

Como é bello á meia noite
O azul do céo transparente,
Quando a esphera d'alva lua
Vagueia mui docemente,
Quando a terra não ruidosa
Toda se cala dormente,
Quando o mar tranquillo e brando
Na areia chora fremente!

Como é bello este silencio
Da terra todo harmonia.
Que aos céos a mente arrebata
Cheia de meiga poezia!

Como é bella a luz que brilha
  Do mar na viva ardentia!
Este pranto como é doce
  Que entorna a melancolia!

Esta aragem como é branda
  Que enruga a face do mar,
Que na terra passa e morre
  Sem nas folhas sussurrar!
Os sons d'aereo instrumento
  Quisera agora escutar,
Quisera magoas pungentes
  Neste silencio olvidar!

O azul do céo, nem da lua
  A doce luz reflectida,
Nem o mar beijando a praia,
  Nem a terra adormecida,
Nem meigos sons, nem perfumes,
  Nem a brisa mal sentida,
Nem quanto agrada e deleita,
  Nem quanto embelleza a vida;

Nada é melhor que este pranto
  Em silencio gotejado,
Meigo e doce, e pouco e pouco
  Do coração despegado.

Não soro de fel, mas sancto
  Frescor em peito chagado,
Não espremido entre dores,
  Mas quasi em praser coado!

## CANÇÃO.

Yo no soy mas que un poeta,
Sin otro bien que mi lira.
ZORRILLA.

Tenho uma harpa religiosa,
Toda inteira fabricada
De madeira preciosa
Sobre o Libano cortada.
Foi o Senhor quem m'a deo,
De sanctas palmas coberta,
Que as notas suas concerta
Aos sons do salterio hebreo!

Tenho alaúde polido
Em que antigos Trovadores,
Em tom de guerra atrevido,
Cantavão trovas de amores

Mas chegando a Sancta Cruz,
De volta do meo desterro,
Cortei-lhe as cordas de ferro,
Cordas de prata lhe puz.

Tenho tão bem uma lyra
De festões engrinaldada,
Onde minha alma afinada
Melindres d'amor suspira.
Nas grinaldas, nos festões,
Nas flores de que se veste,
Goteja o orvalho celeste
Dictamo dos corações.

Eis o que tenho, ó Donzella,
Só harpa, alaúde e lyra;
Nem vejo sorte mais bella,
Nem coisa que eu mais prefira.
Votei assim ao meo Deos
A minha harpa religiosa,
A ti a lyra mimosa,
O grave alaúde aos meos!

## LYRA.

Cœur sans amour est un jardim sans fleur.
L. Halevy.

Se me queres a teos pés ajoelhado,
Ufano de me haveres já rendido,
Ou já em mudas lagrimas banhado,
Volve impiedosa,
Volve-me os olhos:
Basta uma vez!

Se me queres de rojo sobre a terra,
Beijando a fimbria dos vestidos teos,
Calando as queixas que meo peito encerra,
Dise-me, ingrata,
Dise-me: eu quero!
Basta uma vez.

Mas se antes folgas de me ouvir na lyra
Louvor singello dos amores meos,
Por que minha alma tanto em vão suspira,
Dise-me, oh! bella,
Dise-me: eu te amo!
Basta uma vez!

## AGORA E SEMPRE.

Pone me pigris ubi nulla campis
Arbor æstiva recreatur aura,
Dulce ridentem Lalagem amabo,
Dulce loquentem.
HORACIO. OD.

Ponhão-me embora lá na Lybia ardente,
Ou lá nas zonas em que o gelo mora,
Ali tua alma viverá commigo,
Ali teo nome!

Ponhão-me em terras que leões só crião,
Nas altas serras que o condor habita;
Ali ainda viverá comtigo
Minha alma ardente.

Faminto e triste na região deserta,
Co'os pés em sangue de farpada estilha,
Cortado o rosto de gelado vento,
Madida a coma;

Ali aos urros do leão sedento,
Aos crebros gritos do condor alpestre,
Ardendo em chamas deste amor sem termo,
Direi: Eu te amo!

Duros ferrolhos de prisão medonha
Sinta eu embora sepultar-me em vida,
Sinta eu embora roxear-me os pulsos
Ferreas algemas;

Embora malhos de tortura infame
Quebrem-me os ossos no medroso equuleo;
Agudos dentes de tenaz raivosa
Mordão-me as carnes:

Nas feias sombras da cruel masmorra,
Nos duros tratos da tortura bruta,
Quer só comigo, quer em meio ás gentes,
Direi: Eu te amo!

Mas nunca o gelo. nem a fragoa ardente,
Nem brutas feras, nem cruesa humana
Farão que eu soffra mais agudas dores
Nem mais penadas!

Reclina-se outro em teo nevado seio,
Cinge-te o corpo em divinaes caricias,

Beija-te o collo, beija-te o sorriso,
Beija-te os olhos!

E eu no entanto extorso-me com dores!
Praguejo o inferno que nos poz tão longe,
Louco bravejo, misero soluço.
Damno minha alma!

## A VIRGEM.

— Tiene mas de vaporosa sombra
De infabile vision que de muger.
ZORILLA.

Linda virgem simelha a linda roza,
Que se abre ao romper d'alva;
Encapellão-se as petalas mimosas,
Lacradas de pudor com rubro sello:
Cego mortal só lhe respira o incenso,
Quando mais puro mel a abelha encontra.

Seo puro coração é como um templo,
Onde só Deos habita;
Ali reina o misterio involto em sombras,
E maga placidez involta em cantos:
Só vê isto o profano, mas o antiste
De Deos a sombra vê, e a voz lhe escuta.

E' como um lago de marmoreo leito
Sua alma ingenua e bella:
No fundo não se enxerga o verde limo,
E a lisa face nos amostra os astros.
E onde o humilde pastor so vê luzeiros,
Os anjos lá dos ceos contemplão mundos.

E se eu a vejo nos saráos ruidosos
C'roada de bellesa,
E assomos de tristesa irresistivel
Prender-lhe a acção, e desbotar-lhe o riso;
Na mulher, que outros vêm, descubro o anjo,
Que as asas d'oiro, que perdeo, lamenta!

Então como que sinto arrebatar-me
Sympathica attracção!
Quisera doces cantos de ternura
Nas mais delgadas cordas da minha Harpa
Cantar-lhe, e assim diser-lhe: «Um canto ao menos
O acerbo exilio teo torne mais brando!»

Baldado empenho! Começado apenas,
Afrouxa-se-me o canto;
Debaixo dos meos dedos mal palpita
A corda melindrosa da minha Harpa;
E como em espaço, que até d'ar carece,
Tangida, o extremo som morre sem echo!

## O DONZEL.

Onde vais, ó cavalleiro?
— Ver quem de amor me matou.
— Vès este cadaver? — Vejo.
— E vais a entrevista.? — Vou.

FREIRE DE SERPA.

I.

Já tremúla sobre o occaso
Do sol o disco fulgente :
Já se ergueo a lua inteira
Lá das partes do oriente ;
Ergueo-se a brisa fagueira,
Ergueo-se a voz da corrente.

Ergueo-se tenue e macío
Perfume de linda flôr ;
Erguerão as densas matas
O seo leve arfar de amor ;
Ergueo a voz do occeano
O seo hymno ao Creador.

II.

Eis que donoso mancebo
Que brancas tellas vestia,
Por senda patente e clara
Em seo ginete corria.

Não vê no trepido occaso
Do sol o disco fulgente.
Nem da lua alvi-nitente
O deleitoso fulgor;
Não escuta o arfar dos bosques,
Nem das aves o carpido,
Nem das vagas o rugido,
Nem da tarde almo frescor
Sentir pode! — Corre a brisa,
Ouve-se extranha harmonia:
Mas na accesa fantasia
Ferve inquieto, immenso amor!

III.

Praticando n'outros tempos
Alguns velhos encontrou:
Louco! louco! — murmurarão.
Surrio-se o moço e passou.

Velhos que a vida viverão,
Que já não sabem viver,
Que sobre a terra dos vivos
Não têm de que ter praser,

Uns aos outros se perguntão,
Quando em paz descançaráõ!
Já vivestes vossa vida,
Já não tendes coração!

Tendes o corpo alquebrado,
Tendes morto o coração,
Tendes a alma desmaiada,
Nem sentis uma affeição.

Affeição, ledice, amores...
Sobre as cans não vinga o amor,
Como sobre a rocha dura
Não cresce mimosa flor.

IV.

Mais alem — gentis donzellas
Brincando se divertião,
Embebidas nos folgares
Lubricas danças teciao.

— Onde vais, gentil mancebo,
— Nesse correr afanoso?

— Onde vais? detem-te, espera;
— Não nos fujas pressuroso!

« Vou-me longe inda esta noite,
« Vou rever os meus amores;
« Já de mais hei sopeado
« Meo desejo e meos ardores.

« A vossa vida é ventura,
« Vosso sorriso innocencia,
« Vossa alma formosa e pura
« Não soffre de crúa ausencia!

« Vosso amor, e só desejo
« É o sorriso da aurora,
« O arbusto, e a flôr do prado,
« E a corrente sonora »

Disse e passou: eis renascem
Leves danças na clareira,
Ledos gritos pelo bosque,
Leda scena feiticeira!

V.

E não pára, e prosegue, e devora
Toda a senda o fogoso corsel;
Aos reflexos da lua brilhante
Vê-se o vulto do nobre Donzel.

Entrevê-se os vestidos lusentes,
Entrevê-se o corsel a fugir;
Aos reflexos da lua brilhante
Vê-se a pluma da gorra luzir!

Que lh'importa que a noite o convide
A sereno e tranquillo pensar?
Que lh'importa o frondoso arvoredo,
Que lh'importa agoureiro piar?

Que lh'importa a bellesa da terra,
Que lh'importão estrellas ou mar?
Que lh'importa? — o mancebo não póde
Mais que a ella no mundo enxergar.

Ella é pura, é celeste, é mimosa,
É feitiço do nobre Donzel;
Ella o ama, assim disse, ella o espera..,
Ledo o moço esporeia o corsel!

Temerario, onde vais pressuroso,
Por que buscas na terra praser?
Insensato, praser n'este mundo...
Só no triste que almeja morrer!

Por que affectos, ledice e ventura,
Por que extremos de accesa paixão,
São delirios que o tempo consome,
São caprichos de amarga illusaõ!

É veneno de flôr que não cheira,
Que a existencia amargúra cruel!...
Esta vida é festejo de amores,
E' de flôres — clamava o Donzel!

E não pára, e prosegue, e devora,
Toda a senda, e se apeia, —inda mal!
Eis um vulto, eilo corre—ja sente
Penetrar-lhe no peito um punhal!

Nesse instante de acerba agonia,
Nesse instante de louca paixão,
Nesse instante... pesou-se de extremos
Tão mal pagos, de tanta traição.

VI.

Virgem! virgem! que o amor recompensas
Por tal arte, tão dura e cruel,
Nunca sintas amor em tua vida
Nunca extremos de nobre Donzel.

Nunca escutes a meiga lingoagem
De sincera, infinita paixão;
E nas vascas da morte impiedosa
Do que estimas te colha a traição.

## ROSA NO MAR!

Rosa, rosa de amor purpurea e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa!
GARRETT.

Por úma praia arenosa,
Vagarosa
Divagava uma Donzella;
Dá largas ao pensamento,
Brinca o vento
Nos soltos cabellos della.

Leve ruga no semblante
Vem n'um instante,
Que n'outro instante se alisa;
Mais veloz que a sua idéia
Não volteia,
Não gira, não foge a brisa.

No virginal devaneio
Arfa o seio,
Pranto e riso se mistura;
Doce rir dos ceos encanto,
Doce pranto,
Doce pranto que não dura,

Nesse logar solitario;
— Seo fadario, —
De ver o mar se recreia;
De o ver, á tarde, dormente,
Docemente
Suspirar na branca areia.

Agora, qual sempre usava,
Divagava
Em seo pensar embebida;
Tinha no seio uma rosa
Mui formosa,
De verde musgo vestida.

Ia a virgem descuidosa,
Quando a rosa
Do seio no chão lhe cahe:
Vem um'onda bonançosa,
Q'impiedosa
A flôr comsigo retrahe.

A meiga flôr sobrenada;
De agastada,
A virge' a não quer deixar!
Bóia a flor; a virgem bella,
Vai trás ella,
Rente, rente — á beira mar.

Vem a onda bonançosa,
Vem a rosa;
Foge a onda, a flôr tão bem.
Se a onda foge, a donzella
Vai sobre ella;
Mas foge, se a onda vem.

Muitas vezes enganada,
De enfadada
Não quer deixar de insistir;
Das vagas menos se espanta,
Nem com tanta
Presteza lhes quer fugir.

Nisto o mar que se encapella
A virgem bella
Recolhe e leva comsigo;
Tão fallaz em calmaria,
Como a fria
Polidez de um falso amigo.

Nas agoas alguns instantes,
Fluctuantes
Nadárão brancos vestidos:
Logo o mar todo bonança,
A praia cança
Com monotonos latidos.

Um doce nome querido
Foi ouvido,
Ia a noite em mais de meia:
Toda a praia perlustrarão,
Só acharão
Rubra flor em branca areia.

## O AMOR.

Amare amabam.
S. Agost.

Amor! enlevo d'alma, arroubo, encanto
Desta existencia misera, onde existes?
Fino sentir ou magico transporte,
(O quer que seja que nos leva a extremos,
Aos quaes não basta a natureza humana;)
Sympathica attracção d'almas sinceras
Que unidas pelo amor, no amor se apurão,
Por quem suspiro, sereis nome apenas?

A inutil chamma resecou meos labios,
Mirrou meo coração em meia vida,
E á terra fez baixar a mente errada
Que entre nuvens, amor, por ti bradava!

Não te pude encontrar! — em vão meos annos
No louco intento esperdicei; gelados,
Uns após outros á cahir precipites
Vi-os na urna do passado; eu triste,
Amor, por ti clamava; — e o meo deserto
Aos meos accentos reboava embalde

Emvão meo coração por ti se fina,
Emvão minha alma te compr'hende e busca,
Emvão meos labios sofregos cubição
Libar a taça que aos mortaes off'reces!
Disem-na funda, inexgotavel, meiga;
Em quanto a vejo rasa, amarga e dura;
Disem-na balsamo, eu veneno a sorvo:
Praser, doçura, — eu dor e fel encontro!

Dobrei-me as duras leis que me imposeste,
Curvei ao jugo teo meo collo humilde,
Feri-me aos teos ardentes passadores,
Prendi-me aos teos grilhões, rogei por terra...
E o lucro?.. forão lagrimas perdidas,
Foi roxa cicatriz q'inda conservo,
Gastada a natureza, a vida exhausta!

Amor! amor! que és tu? Se acaso existes,
Se és mais que sombra vã, se és mais que um nome,
Se és mais que phantasia, ou mais que um sonho,
Da-me se quer uma hora de ventura,
Uma hora, genio ou Deos, se podes tanto.

Celeste emanação, gratos effluvios
Das roseiras do ceo; bater macio
Das azas auri-brancas d'algum anjo,
Que roça em noite amiga a nossa esphera,
Sentelha e luz do sol que nunca morre;
E's tudo, e mais do q'isto: — és luz e vida,
Perfume, e vôo d'anjo mal sentido,
Peregrinas essencias trescalando!..
Tão bem passas veloz,—breve te apagas,
Como d'uma ave a sombra fugitiva,
Desgarrada voando á flôr de um lago!

## SEMPRE ELLA!

Per noctem quæsivi, *quam* deligit anima mea, et non inveni *illam*

CANT. CANT.

Eu amo a doce virgem pensativa,
Em cujas faces pallidez se pinta,
Como nos céos a matutina estrella :
A dor lhe ha desbotado a côr do rosto,
E o sorriso que lhe roça os labios
Murcha ledo sorrir nos labios d'outrem.

Tem um timbre de voz que n'alma echôa,
Tem expressões d'angelica doçura,
E a mente do que as ouve, se perfuma
De amor ardente e de piedade sancta,
E exala effluvios d'um odor suave
De aloes, de myrrha ou de mais grato incenso.

E nessas horas, quando amente afflicta,
De dor occulta remordida, anceia
Desabrochar-se em confidencia amiga,
« Neste mundo o que sou? — triste clamava;
« Persica involta em pó, entre ruinas,
« Erma e sosinha a resolver-me em pranto!

« Flòr desbotada em hastea ja roída,
« De cujo tronco as outras amarellas
« Ja rójão sobre o pó, ja murchas pendem!
« E' sentir e soffrer a minha vida! »
Merencoria disia, erguendo os olhos
Aos ceos d'um claro azul que lhes sorrião!

Náda o mudo alcyon por sobre os mares,
E proximo a seo fim desata o canto;
A rosa do Saarão la se despenha
Nas agoas do Jordão: e como a rosa,
Como o cysne do mar entre perfumes,
Aos sons d'uma Harpa interna ella morria!

E como o pastor que avista a linda rosa
Nas agoas da corrente, e como o nauta
Que vê, que escuta o cysne ir-se embalado,
Sobre as agoas do mar cantando a morte;
Eu tambem a segui — a rosa, o cysne
Que lá se foi sumir por clima extranho.

E depois que meos olhos a perderão,
Como se perde a estrella em céos infindos,
Errei por sobre as ondas do oceano,
Sentei-me a sombra das florestas virgens,
Procurando apagar a imagem della,
Que tão inteira me ficára n'alma!

Embalde aos céos erguendo os olhos turvos
Meo astro procurei entre os mais astros,
Q'outr'ora amiga sina me fadára!
Com brilho embaciado e luz incerta
Nos ares se perdeo antes do occaso,
Deixando-me sem norte em mar d'angustias.

## MIMOSA E BELLA.

(No Album da Exma. Sra. D. M. C. A. F.)

De anno em anno se torna mais formosa,
E novo brilho, novas graças cria.
CALDAS.

I.

Tão bella és, tão mimosa,
Qual viçosa
Fresca rosa.
Que em serena madrugada
Despontada,
Rorejada
Foi pelo orvalho do céo;
E a aurora que tudo esmalta.
Brilha reflexos de prata
No orvalho que ali prendeo.

II.

Quando um penar afflictivo,
Sem motivo,
D'improviso
Tua alma occupa e entristece,
Que padece,
Que esmorece
Por aquelle imaginar;
Augmenta a tua bellesa
Languido véo de tristesa,
Pallor de quem sabe amar.

III.

Assim murcha a sensitiva,
Sempre esquiva,
Sempre viva;
Assim perde o colorido
Por um toque irreflectido,
Mal sentido:
Assim vai o nenuphar,
Como que soffre e tem magoas,
Esconder-se em fundas agoas
Té que o sol torne a brilhar.

IV.

Mas tão bem a flôr brincada,
Perfumada,

Debruçada
Sobre a tranquilla corrente;
Logo sente
Vir a enchente
Longe, longe a ronquejar,
Que a pobresinha desfolha,
Sem lhe deixar uma folha,
Sem deixal-a em seo logar.

V.

Não consintas pois que as magoas,
Como as agoas,
Que das fragas
Furiosas vem tombando,
Vão tomando,
Vão levando
A flôr do teu coração!
Ha na vida u' amor somente,
Um só amor innocente,
Uma só firme paixão.

VI.

Sê antes flôr bemfadada,
Suspirada,
Bafejada
Pela brisa que a namora,
Pela frescura da aurora,

Que a colora:
A luz do sol se recreia,
E de noite se retrata
Da fonte na lisa prata,
Se o céo de luzes se arreia.

## AS DUAS AMIGAS.

. . . . . Vivamos juntas
N'um só logar!
N'um só logar, ou sejão mansos ares,
Se ali te exaltas;
Ou sejão campos, se é ali que a relva
De pranto esmaltas.

V. Hugo. Trad.

Já vistes sobre a flôr de manso lago
Duas aves brincando solitarias,
Já pousadas na lisa superficie,
Ja levantando o vôo?

Já vistes duas nuvens no horisonte,
Brancas, orladas com listões de fogo,
A deslumbrante alvura cambiando
Ao pôr de sol estivo?

Já vistes duas lindas mariposas
Abrindo ao romper d'alva as longas azas,
Onde reflecte o sol, como em um prisma,
Bellas, garridas côres?

Nem as pombas que vagão solitarias,
Nem as nuvens do occaso, nem as vagas
Borboletas gentis que adejão livres
Em valle ajardinado:

Não prazem tanto como doces virgens
Airosas, bellas, com sorrir singello,
Da vida nêgra e má duros abrólhos
Improvidas calcando.

Quanto ha no mundo d'illusões fagueiras,
De perfume e de amor, guardão no peito,
Quanto ha de luz no céo mostrão nos olhos,
Quanto ha de bello n'alma.

Como um jardim seo coração se mostra,
Seos olhos como um lago transparente,
Sua alma como uma harpa harmoniosa,
Seu peito como um templo!

Mas um fraco arruido espanta as aves,
Uma brisa ligeira as nuvens perde,
E uma gota de orvalho ensopa as azas
Das leves mariposas.

Desgarradas voando as aves fogem,
Dos castellos dos céos perdem-se as nuvens,
Nem mais adejão borboletas vagas
Sobre o esmalte das flôres.

Pois quem resiste ao perpassar do tempo?
Depois que derramou grato perfume
Sobre as azas dos ventos que a bafejão,
A flor tambem definha.

Mas um nobre sentir que se enraiza
No peito do mulher que menos ama,
E' como essencia preciosa e grata,
Que se lacrou n'um vaso.

Repassa-o: depois embora o esgotem
Leves emanações, gratos effluvios
Hade eterno verter da mesma essencia,
Talvez porem mais doces.

## SONHO.

Ah! frown not, sweet lady, unbend your soft brow,
Nor deem me too happy in this;
If I sim in my dream, I atone for it now,
Thus doom'd but to gaze upon bliss.

Byron.

Sonhava esta noite, Donzella formosa,
Já quando as estrellas tombavão no mar,
Que eu via a meu lado uma doce figura
Divina e mimosa....
O sonho é ventura;
Deixai-me sonhar!

Divina e mimosa co'um véo se cobria
D'estrellas fulgentes de brilho sem par;
O rosto era vosso, era vossa a estatura.
E o anjo dizia....
O sonho é ventura;
Deixai-me sonhar!

E o anjo dizia co'um geito celeste:
« Affectos que em outro não pude encontrar
« Por fim me renderão, — paixão lisa e pura,
Que tanto soffreste...
O sonho é ventura;
Deixai-me sonhar!

« Pois tanto soffreste, não devo impiedosa
« Finesa tão grande por fim desbotar! »
Eis sinto um abraço extreitar-me a cintura.
E uns labios de rosa...
O sonho é ventura;
Deixai-me sonhar!

E uns labios de rosa cobrirem-me a fronte
Com tepidos beijos d'incrivel amar!
Praser tão subido após tanta amargura,
Não sei como o conte!..
O sonho é ventura:
Deixai-me sonhar!

Não sei como o conte! — nos labios de rosa
Vivi encantado sem ver, sem pensar,
Em quanto apertava a ligeira cintura,
Cintura mimosa....
O sonho é ventura;
Deixai-me sonhar!

Cintura mimosa! — depois vos tecia
Grinalda que havia de vos adornar,
E um cinto de amores com bróche esmaltado
De meiga poezia!...
Quem tão bem fadado
Vivesse a sonhar!

De meiga poezia, meo bem, minha amada,
Já pago de quanto me fazeis penar,
Então vos tangia descantes na lyra
Na lyra afinada!
O sonho é mentira;
Não quero sonhar!

# HARMONIAS.

## PRIMEIRA VOZ.

Quando da noite o denso véo se estende,
E a lua pallida entre nuvens gira,
E d'entre as folhas uma voz suspira
Que diz praser e doce amor accende;

Ao par amante, que innocente vaga,
Sou eu quem prendo em derretido enleio:
— Secura ou fogo, ardente devaneio
Que dá morte a paixão, que sempre afaga.

Sou eu que ás folhas dou verter frescura,
Que fallo amores no correr da brisa,
Que deslustro a paixão sincera e lisa
Aos torpes beijos da lascivia impura.

SEGUNDA VOZ.

Eu porém no peito amante
Sou quem fomento a paixão,
Amor na virgem mimosa,
No jovem dedicação.

Quem lhes ponho risos n'alma,
Quem fallo nos sonhos seos,
Praseres envergonhados
— Tão puros, como nos céos.

Dou-lhes palavras sublimes
Nunca ouvidas por ninguem,
E gosos nunca fruidos,
E prantos que fasem bem.

Dou-lhes extremos e arrojos,
Talvez subida amargura,
Donde sahe o amor provado
A' prova da desventura.

PRIMEIRA VOZ.

E eu dessa paixão nobre e singela,
Ao meigo jovem, que de amor doudeja,
Dou-lhe fastio, que nem mais deseja
Que apagar seo amor nos braços della.

Eu os conduzo mais fallaz que humano,
Ella adornada de bellesa e flores,
Elle mal suffocando seus ardores,
Ao templo, onde os espera o desengano!

Satisfeita a paixão vem logo o frio,
O gelo que lhes lavra em todo o peito;
Já se nota um defeito, e outro defeito,
Já cresce em ambos o pesar tardio!

SEGUNDA VOZ.

Talvez ambos se arrependem,
Talvez se nota o defeito,
Tardo pesar que não dura
Talvez lavra em todo o peito;
Mas soando a desventura
Dar-lhes-hei nova paixão,
—Sentelha viva, não cinza
Na fragoa do coração.

Sou eu que o somno afugento
Quando vela a casta esposa
Junto ao leito, onde repousa
O esposo que mal padece;
Quisera ser em vez delle,
Quando a morte o ameaça;
Té de si mesma se esquece,
Té de quanto soffre e passa.

PRIMEIRA VOZ.

Vela meigo-sorrindo a casta esposa,
Vela no leito onde, a afflicção descança,
Mas talvez lhe sugiro uma lembrança
Triste, importuna que expulsar não ousa.

Se compoem um sorriso honesto e brando,
Se ameiga a voz, a doce como esparsa,
Sorriso e voz fino punhal disfarça,
Que vai no peito incauto á furto entrando.

Ah! quantas veses! quantas! não transuda
O leito conjugal banhado em sangue,
E elle ou ella, atraiçoado, exangue,
Já quasi morto, a traição vil desnuda?!

SEGUNDA VOZ.

Talvez ciumenta esposa,
Talvez cioso marido,
Irado, o punhal buido
Levanta··· mas n'esse instante
Mostro-lhe o meigo semblante
Do filho seo que descança,
Como que o somno lhe traga
Sonhos que traz na lembrança.

A tal vista se enternece,
A supposta injuria esquece,
A coragem lhe fallece,
E o punhal lhe cahe da mão;
E onde o ferro traiçoeiro
Devêra d'entrar primeiro,
Beijando por derradeiro
Pede chorando o perdão.

## O BARDO.

(VISÃO.)

Must all the finer thoughts, the thrilling sense,
The electric blood with which their arteries run,
Their body's self-tuned soul with the intense
Feeling of that which is, and fancy of
That which should be, to such a recompense
Conduct? Shall their bright plumage on the rough
Storm be still scatter'd? — Yes, and it must be!
BYRON.

Era uma sala de rei comprida e larga
De primores vestida. — Nos tapetes
Habil artista desenhára a historia
Dos annos decorridos; — das janellas
Pendia a seda multi-côr, — rojavão
No liso pavimento as franjas d'oiro
Do brilhante espaldar. — Sentado nella
O rei, ja velho, em roda de ministros
N'um canto do salão retinha os olhos

Segui-lhe a vista, e vi.... Era um mancebo
Modesto e bello ; tinha um quê nos olhos
De pudor virginal, de meigo encanto,
Que prendia a attenção. — Em pé, crusadas
Sôbre uma harpa singela as mãos nevadas
Em voz segura e baixa ao rei fallava.

" Por isto, senhor rei, vim ter comvosco! ... ,,

Isto apenas lhe ouvi ; subtil sorriso
Do monarcha passou nos rôxos labios,
Que hypocrita e sarcastico disia :

— Que vos posso eu fazer ? — Sois bardo ! — As veses
Quando este encargo de reinar me deixa
Mas livre respirar, — sobre mil praças
Deste palacio meo lançando os olhos,
O doce canto da vossa harpa escuto,
E o longo applauso palpitante, e os echos
Do forte sussurrar de amôr, de enlevos,
Que a turba eleva com praser.... Auxilios
Não vos posso prestar, que o erario tenho
Exhausto e pobre ! —

« Oh ! nem de mim vos fallo,
Nem por mim, rei senhor ! — Que vos hei dito ?
Que a moral, crença, e fé, e amor dos povos
São altos fustes, que têm mão do throno
Sois deste o creador, porém d'aquelles

Incumbe o lustre a nós. Se a nossa vida
Nisto gastamos, se mais crente o povo
Depois de nós a nosso exemplo fica,
E' justo, senhor rei, que o throno cure
De quem sobre elle de continuo vela.
Somos do mundo sem saber do mundo;
Aprouve ao senhor Deos lançar-nos nelle,
Sem vida para nós, com tanta vida,
Com tanta força de querer p'ra os outros.
Não sabemos ganhar! — Com fome ou frio,
Lemos o nome do Senhor nos astros;
Sonhamos illusões, lançando os olhos
Sobre a terra florida, ou sobre o campo
Liso, immenso dos céos, — vagando sempre
Do passado ao futuro! — Somos loucos,
Bem loucos, senhor rei,! — Em quanto a vida
Em procelloso mar corre sem termo,
Até que a morte um dia nos afunde
Cantamos sempre; nem de auxilio extranho
Havemos de mister, que o melhor canto
De soluços e lagrimas se embebe! —
Mas se hospicios haveis para os que soffrem,
Nos soffremos tão bem, — tão bem mendigos,
Trocamos, como outrora o velho Homero,
Celestes carmes por um pão de azima!»

— Fallais do mundo sem saber do mundo,
E do vosso mister sem saber delle;
Tornou-lhe o rei com rosto carregado.

Sou injusto e cruel!... vós o dissestes!
Mas quem sois? — que faseis? — Ao povo estulto
Co'a branda lyra effeminais; no canto
Vil peçonha enternais em nescias mentes;
De perversa moral licções na scena
Dais em verso pomposo; — loucos, cegos,
Prophetas vos diseis... — Meo throno acaso
Sustentas tu co'a lyra? — Se o sustentas,
Retira o braço, quero-o ver por terra,
Quero crêr na tua crença; e se és propheta,
Eu t'o supplico, do porvir me falla! —

Como de sob os pés vos foge o bando
De sussurrantes passarinhos, quando
Pensativo calcais na densa mata
As secas folhas, rugidoras, sôltas;
Como sobem confusas, pipilantes,
Ouvindo o extranho som que as amedronta,
Da Harpa as notas soão, vibrão, fogem:
Lá se perdem nos ares, lá renascem,
Já de novo resoão, como abelhas.
Que sobre vivas flores descançadas,
Quase filhas do sol, se erguem ruidosas.

«Reis da terra, o que sois? Oh! quasi um nada,
Em mãos de infantes caprixosos — brinco,
Automatos de orgulho, actores tristes
Em publico tablado:
Um que em dia aziago entre os clamores

Da multidão fallaz entrou no templo;
Era o templo adornado, — ali soldados,
Ali densos convivas,
Resplandecente d'oiro, e seda, e joias;
Ali morno silencio qual precede
Da batalha o fragor — troava o sino,
E foi c'roado... escravo!

Mas quando o Senhor Deos um bardo cria,
Funde-lhe a mente de trovões, de raios,
De nobre fogo lh'incendia o peito
De cholera e de amôr!
E o manda sobre a terra ingrata e nua,
Que vôe sobre os astros, que a sentença,
Que Balthasar temeo, grave nos muros
D'impudico festim!
Que suspire, que gema, que soluce,
Que se lembre dos céos cantando a terra,
Que um amigo não tenha que a sua vida
E' soffrer e cantar!

« Mas ai do triste que não sente enlevos
De ouvir um doce canto ao som da lyra:
Mas ai do rei, que não suspira afflicto
De afflicto suspirar!
Mas ai do triste rei! que nunca o bardo
Nos versos devinaes dirá seus feitos,
Nem o seu nome se lerá na pedra
De gelado sepulcro.

Vai com elle a lisonja a sepultura,
Com elle o seo palacio irá por terra,
Não será pedra sobre pedra
Inteira a mole cahirá!

—

Calou-se, mas cumprio-se o vaticinio:
Morreo sem nome o rei, — a mole inteira
Por terra jaz — uma columna attesta
Seu primeiro esplendor.

Que é do bardo porém? — Ninguem pergunta:
O modesto pastor que a dura calma
Passou a sombra da frondosa copa,
Quando sem graça a vê, pergunta acaso
Que impiedoso tufão levou-lhe as folhas?
A virgem que em passeios solitarios
Respira o aroma de uma flôr singella,
Pergunta acaso no verão torrado
Se a melindrosa flôr ainda existe,
Ou existindo, em que logar se esconde?
Assim do bardo os feiticeiros versos!
Resoão, como nota harmoniosa,
Como suspiro d'innocente virgem
Na placidez da noite adormecida;
Resoão, mas tão bem se extingem prestes,
Como nota de uma harpa vaporosa,
Como o perfume que uma flôr exhala,
Como o suspiro que uma virgem sólta!

———

## SOLIDÃO.

Solo e pensoso i più deserti campi
Vo misurando a passi tardi e lenti,
E gli occhi porto per fuggire intenti
Ove vestigio human l'arena stampi.

PETRARCA. SON.

Se queres saber o meio
Porque as veses me arrebata,
Nas asas do pensamento
A poesia tão grata,
Porque vejo nos meos sonhos
Tantos anginhos dos céos:
Vem comigo, ó doce amada,
Q'eu te direi os caminhos,
D'onde se enxergão anginhos,
Onde se trata com Deos.

Fujamos longe das villas,
Das cidades populosas,
D'agro viver entre as vagas
Destas cortes enganosas;
Fujamos longe, bem longe,
Deste viver cortesão!
Fujamos desta impuresa,
So vês cordura por fóra,
Mas nunca o vicio que mora
Nas dobras do coração!

Fujamos! que nos importa
Rodar do carro que passa,
Esta orgulhosa vã gloria
Que se resolve em fumaça?
Estas voses, estes gritos,
Este viver a mentir?
Fujamos, que em taes logares
Não ha praser innocente,
Só alegria que mente,
Só labios que sabem rir!

Fujamos para o deserto;
Vivamos ali sosinhos,
Sosinhos, mas descuidados
Destes cuidados mesquinhos;
Tu olhando o azul do espaço,
E eu só a rever-me em ti!

Quando depois nos tornarmos
A' terra serena e calma,
Aqui acharei tua alma,
E tu me acharás aqui.

Ou corramos o occeano
Que d'immenso a vista cança:
Dormirei no teu regaço
Quando o tempo for bonança,
Quando o batel for jogando
Em leve ondular sem fim·
Mas nos roncos da procella
Nossos olhos encontrados,
Nossos braços enlaçados,
Hei-de cantar-te, inda assim!

Ou se mais te apraz, zombemos
Das setas que arroja a sorte,
Vivamos nas minhas selvas,
Nas minhas selvas do norte,
Que gemem nenias sentidas
No meio da escuridão.
Não tem doçura o deserto,
Não têm harmonia os mares,
Como o rugir dos palmares
No correr da viração!

Tu verás como a luz brinca
Nas folhas de côr sombria,

Como o sol, pintor mimoso,
Seos accidentes varía;
Como é doce o romper d'alva,
Como é fagueiro o luar!
Como ali sente-se a vida
Melhor, mais viva, mais pura,
N'aquella eterna verdura,
Naquelle eterno gosar!

Vem commigo, vem depressa
Não se esgota a naturesa;
Mas desbota-se a innocencia,
Divina e sancta pureza,
Que dá vida aos objectos,
Feituras da mão de Deus!
Vem commigo, oh! doce amada,
Que são estes os caminhos,
Donde eu enxergo os anginhos,
Que tu vês nos sonhos meus.

## A UM POETA EXILADO.

Il accuse et son siele, et ses chants, et sa lyre,
Et la coupe enivrante oú, trompant son delire,
La golire verse tant de fiel,
Et ses vœux, poursuivant des promesses funestes,
Et son cœur, et la Muse, et tous ces dons celestes,
Helas! qui ne sont pas le ciel!
V. Hugo.

Tão bem vaguei, Cantor, por clima extranho,
Vi novos valles, novas serranias,
Vi novos astros sobre mim lusindo;
E eu só! e eu triste!

Ao sereno Mondego, ao Doiro, ao Tejo
Pedi inspirações, — e o Doiro e o Tejo
Do misero proscripto repetirão
Sentidos carmes.

Repetio-mos o placido Mondego,
Talvez em mais de um peito se gravárão,
Em mais de uns meigos labios murmurados
Talvez soarão.

Os filhos de Minerva, novos cysnes,
Que a fonte dos amores meigos cria,
E alguns de Lyzia sonorosos vates,
Sisudos velhos;

Ouvindo aquelle canto agreste e rudo
Do selvagem guerreiro, — e a voz do piaga
Rugindo como o vento na floresta,
Prenhe d'augurios;

Benignos me olharão, — e aos meos ensaios
Talvez sorrirão, — porém mais prendeo-me,
Quem soffrendo como eu, chorou commigo,
Quem me deo lagrimas!

Eu pois, que nesta vida hei aprendido
Só cantar e soffrer, não vejo embalde
Ao canto a dor unida, — e os repassados
Versos de pranto.

Do triste poleá choro a desdita,
Choro e digo entre mim: » Pobre Canario
Que fado máo cegou por que soltasse
Mais doce canto;

Pobre Orpheo, nestes tempos mal nascido,
Atraz d'um bem sonhado pelo mundo
A vagar com lyra — um bem que os homens
Não podem dar-te!

Se quer esta lembrança a dor te apague:
A vida é breve, e o teo cantar simelha
Vagido fraco de menino enfermo
Que Deos escuta

## PALINODIA.

O céo não te dotou de formosura,
De attractivo exterior, e a natureza
Teo peito inficionou co'a vil torpeza
D'ingrata condição fallaz e impura!

BOCAGE.

Se só por vós, Senhora, corpo e alma,
Apezar da aversão que tenho ao crime,
Inteiro me embucei nos seos andrajos,
Em tremedal de vicios;

Se só por vós descri do que era nobre,
Por que involto em torpeza immunda e feia,
As vestes da virtude immaculada
Rebolquei-as no lôdo;

Se só por vós persegue-me o remorso,
Que os dias da existencia me consome,
E entre angustias crueis minha alma anceia,
— Ludibrio dos meos erros:

Consenti que a moral os seos direitos
Reivendique uma vez, e que a minha alma
Das licções que bebeo na pura infancia
Uma hora se recorde!

Agora, agro censor, hão de os meos labios,
Duras verdades trovejando em verso.
Fazer de vós, o que a razão não pôde,
— Melhor ou estatua!

Mentistes quando amor tinheis nos labios,
Mentistes a compor meigos sorrisos,
Mentistes no olhar, na voz, no gesto···
Fostes bem falsa!···

Falsa, como a mulher que em bruta orgia
Finge extremos de amor que ella não sente,
E o rosto off'rece á osculos vendidos,
Ao sigillo da infamia.

Quantas veses, Sênhora, não cahistes
Humilhada, á meos pés, desfeita em pranto,
Chorando — ¿ e que choraveis? — a jurar-me...
— ¿ Que juraveis então?

Se pois sentistes compaixão amiga
A cahir gota a gota dos meos labios
No que eu suppunha cicatriz recente,
E que era ulcera funda ;

Se me vistes os olhos incendidos,
Sangrar-me o coração no peito afflicto
Ao fel das vossas dores, que azedaveis
Co'o pranto refalsado.

Ouvi! — não ereis bella, — nem minha alma
Vos amou, — que um modello de virtudes,
— Um sublime ideal — amou somente ;
Vós o não fostes nunca.

Que uma alma como a vossa, já manchada,
Aos negros vicios mais que muito affeita,
Já feia, já corrupta, já sem brilho····
Amal-a eu, Senhora!

Deitar-me sob a cópa traiçoeira,
Que ao longe espalha a sombra, o engano, a morte ;
Recostar-me no seio onde outros dormem,
Que por ninguem palpita !

Beijar faces sem vida, onde se enxerga
Visgo nojento d'osculos comprados ;
Crèr no que disem olhos mentirosos,
Em pranto de loureira!

Antes curvar o collo envilicido
Ao jugo vil da escravidão nefanda;
Beijar humilde a mão que nos offende,
Que nos cobre de oprobrio!

Antes, possesso d'imprudencia estupida,
Brincando remecher no açafate,
Onde por baixo de mimosas flores,
O aspide se esconde!

Mas eu, nos meos accessos de delirio,
Voz importuna de continuo ouvia,
Cá dentro em mim, a repr'hender-me sempre
De vos amar··· tão pouco!

Assim o cego idolatra se culpa,
Nos espasmos d'ascetica virtude,
De não amar assaz o vão phantasma,
—De suas mãos feitura.

Porém se luz melhor de cima o aclara,
Cóspe affronta e desdem, e a chama entrega
O cepo vil, que não merece altares,
Nem d'offrendas é digno!

Releva-se a imprudencia feminina,
Inda um erro, uma culpa se perdôa,
Se a desvaira a paixão, se amor a cega
No mar de escolhos cheio·

O Deos, que mais perdôa a quem mais ama,
Talvez da vida a negra mancha apaga
A quem as azas de algum anjo orvalha
De lagrimas contrictas.

Mas não á aquella, em cujo peito móra
Torpesa só, — onde o amor se cobre
De vicios — a nutrir-se d'impuresas,
Como vermes de lôdo.

Se porém te aproveita o meo conselho,
A' quem, mais do que a mim, tens offendido,
Que entre os risos do mundo, vê tua alma
E lê teos pensamentos;

Se não crês n'outra vida alem da morte,
Roga se quer a Deos, que te não rompa
A' luz do sol divino da Justiça
A mascara d'enganos!

Que a rainha da terra inamolgavel,
— A dura opinião — te não entregue,
Sosinha, e núa, e d'irrisão coberta,
A' popular vindicta!

*Bahia — Junho de* 18··

## OS SUSPIROS.

Mucha pena ¿ verdad ? mucha amargura
Guardaba allá en sus senos escondida
Al despedir-te el alma dolorida,
Hijo de su cariñõ y su ternura ?

ROMEA.

Muitas veses tenho ouvido,
Como languidos gemidos,
Frouxos suspiros partidos
D'entre uns labios de coral ;
Afina tez lhes deslustrão,
Bem como o alento que passa
Sobre o candor d'uma taça
De transparente crystal.

Ouvido os tenho mil veses
Do coração arrancados,
Sobre labios desmaiados
Sussurrando esvoaçar!
Como flôr submarinha
Da sua gleba arrancada,
De vaga em vaga arrastada,
Correndo de mar em mar!

Ouvido os tenho mil veses
Em quanto a lúa fulgura,
Quando a virgem d'alma pura
Fita seos olhos no céo:
Notas de mundo longiquo
Repassadas de harmonia,
Diamante que alumia
A tella de um fino véo.

Tu, virgem por que suspiras?
Quando suspiras que scismas?
Em que reflexões te abysmas?
— Do passado ou do porvir!
Mas não tens *passado* ainda,
Tudo é flores no presente,
Brilha o porvir docemente,
Como do infante o sorrir.

Tu, virgem, por que suspiras?
—Murmura trepida a fonte,

De relva se cobre o monte,
As aves sabem cantar;
O ditoso tem sorrisos,
O desgraçado tem pranto,
A virgem tem mais encanto
No seo vago suspirar!

Suspirar, ó doce virgem,
E' da alma a voz primeira,
A expressão mais verdadeira
Da sina e do fado teo!
Vago, incerto, indefinido,
Tem um quê de inexplicavel,
Como um desejo insondavel,
Como um reflexo do céo.

Eu amo ouvir teos suspiros,
O' doce virgem mimosa,
Como nota harmoniosa,
Como um cantico de amor;
Mais do que a flôr entre as vagas
Sem destino fluctuando,
Fólgo de os ver expirando
Em labios de rubra côr.

Mais que a longiqua harmonia,
Que o alento fraco, incerto,
Que o diamante coberto
Scintillando almo fulgor;

Fólgo de ouvir teos suspiros,
O' doce virgem mimosa,
Como nota harmoniosa,
Como um cantico de amor!

## QUEIXUMES.

I.

Onde estás, meo senhor, meos amores ?
A que terras — tão longes ! — fugiste ?
Onde agora teos dias se escoão ?
Por que foi que de mim te partiste ?

II.

Não te lembras ! quando eu te rogava
Não te fosses de mim tão azinha,
Prometteste-me breve ser minha
Tua vida que o mar me roubava.

III.

Tão amigo do mar foste sempre,
—Por que amigos talvez não achaste! —
Nem carinhos, nem prantos te ameigão?
Nem por mim, que te amava, o deixaste?

IV.

Vejo além o logar onde estava
Tua esbelta fragata ancorada,
Mui alegre jogando afagada
Do galerno que amigo a chamava.

V.

Da partida era o funebre instante,
Breve instante de afflictos terrores,
Quando o mar traiçoeiro, inconstante,
Me roubava meos puros amores!

VI.

Inda chóro essa noite medonha,
Longa noite de má despedida!
Teo amor me deixaste nos braços,
Nos teos braços levaste-me a vida!

VII.

Oh! cruel, que então foste commigo,
Que te hei feito que punes-me assim?
Teo navio que tantos levava,
Não podia levar mais a mim?

VIII.

Mas a mim! — que importava que eu fosse?
Não me ouvira a tormenta chorar,
E morrer me seria mais doce
Junto a ti, — que o meo triste penar!

IX.

Junto a ti me era a vida bem cara,
Oh! bem cara! — se ledo sorrias,
Se pensavas sosinho e profundo,
Se agras dores comtigo curtias;

X.

Eu te amava, senhor! — Nem podia
Dentro em mim, convençer-me que fosse
Outra vida melhor, nem mais doce,
Nem que o amor se acabasse algum dia!

XI.

Mas o mar tem lindesas que encantão,
Tem lindesas, que o nauta namora,
Tão bem disem que voses descantão
No silencio pacato d'esta hora!

XII.

São de nymphas os mares pejados,
Tão bem disem, que sabem magia,
Que produsem cruel calmaria,
Só d'entorno dos seos namorados!

XIII.

Alta noite, bem perto, apparece,
Como leiva juncada de flores,
Ilha fertil em faceis amores,
Onde o nauta da vida se esquece!

XIV.

Não te esqueças de mim! — Por Sevilha
Quando o peito de branco marfim
Perceberes na preta mantilha,
Sombreado por leve carmim;

XV.

Quando vires passar a Andalusa
Pelos montes, com ar magestoso,
Decantando nas modas de que usa
As loucuras do Cid amoroso;

XVI.

Quando vires a molle Odalisca
De bellesa e de extremos fadada,
Respirando perfumes da Arabia,
Em sericos tapises deitada;

XVII.

Quando a vires co'a fronte bem cheia
De riquezas, — de graças adornada,
Pelo andar do elefante embalada,
Que alta escolta de eunuchos rodeia;

XVIII.

Quando vires a Grega vagando
Pelas Ilhas de Cós ou Megára,
Em sua lingoa — tão doce — cantando
Seos amores que o Turco matára;

XIX.

Quando a vires no Carro de Homero,
Bella e grave e sisuda lavrando,
Pelos montes melifluos do Hymeto
A parelha de bois aguilhando;

XX.

Não te esqueção meos duros pesares,
Não te esqueças por ellas de mim,
Não te esqueças de mim pelos mares,
Não me esqueças na terra por fim!

XXI.

Se eu fosse homem tão bem desejára
Percorrer estes campos de prata,
E este mundo, na tua fragata,
Co'uma esteira cingir d'onda amara.

XXII.

Qu'ria ver a andorinha coitada
Nos meos mastros fugida poisar.
E achar no convez abrigada,
Quando o vento começa a reinar!

XXIII.

Ver o mar de toninhas coberto,
Ver milhares de peixes brincar,
Ver a vida nesse amplo deserto
Mais valente, mais forte pular!

XXIV.

Oh! que o homem fosse eu, mulher tu fosses,
Ou fosse tempestade ou calmaria,
Ou fosse mar ou terra, Hespanha ou Grecia
Só de ti, só de ti me lembraria!

XXV.

O mar suas ondas inconstante volve,
Sem que o seo curso o mesmo rumo leve,
Assim dos homens a paixão se move,
Fallaz e vária, assim no peito ferve!

XXVI.

Meditados enganos sempre encobre
O mesmo que ao principio ardente amava,
Oxalá não diga eu que me enganava,
Que teo peito julguei constante e nobre!

## XXVII.

Oh! que o homem fosse eu, mulher tu fosses,
Ou fosse tempestade ou calmaria,
Ou fosse mar ou terra, Hespanha ou Grecia
Só de ti, so de ti me lembraria!

## AO ANNIVERSARIO DE UM CASAMENTO.

### A Mrs. A. N. V. da G.

A filha d'Albion bem vinda seja
Ao solo brasileiro!
Bem vinda seja ás margens florescentes
Do Rio hospitaleiro!

Qu'importa que te acene a Patria ao longe,
Que vejas incessante
As memorias, os templos, os palacios
Da Cidade gigante?

A patria é onde quer que a vida temos
Sem penar e sem dor;
Onde rostos amigos nos rodeião,
Onde temos amor:

Onde voses amigas nos consolão
A nossa desventura,
Onde alguns olhos choraráõ doridos
Na erma sepultura;

A patria é onde a vida temos presa:
Aqui tão bem ha sol!
Tão bem a brisa corre fresca e leve
Da manhã no arrebol!

Aqui tão bem a terra produz flores,
Tão bem os céos têm côr;
Tão bem murmura o rio, e corre a fonte,
E os astros têm fulgor!

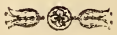
Aqui tão bem se arrelva o prado, o monte,
De mimoso tapiz;
Nas azas do silencio desce a noite
Tão bem sobre o infeliz!

A filha d'Albion bem vinda seja
Ao sólo brasileiro;
Bem vinda seja ás margens florescentes
Do Rio hospitaleiro!

Compridos annos e folgados viva
Neste ditoso clima,
E veja á par dos filhos seos queridos
Crescer do esposo a estima!

Possa eu tão bem do seo feliz consorcio
De novo em cada anno
Soltar um hymno de amisade extreme,
Um canto sobr'humano!

24 de Março.



# CANTO INAUGURAL.

**á memoria do Conego Januario da Cunha Barbosa.**

(Recitado na Sessão do Instituto Historico Geographico Brasileiro de 6 de Abril de 1848.)

Onde essa voz ardente e sonorosa.
Essa voz que escutámos tantas veses,
Polida como a lamina d'um gladio,
Essa voz onde está?

No róstro popular severa e forte,
No pulpito serena, amiga e branda,
Pelas naves do templo reboava,
Como oração piedosa!

E a mão segura, e a fronte audaciosa,
Onde um vulcão de ideias borbulhava,
E o generoso ardor de uma alma nobre
— Onde parão tão bem ?

Novo Colombo andaz por novos mares,
A sonda em punho, os olhos nas estrellas,
Co'as bronzeas quilhas retalhando as vagas
Do inhospito elemento;

Porfioso e tenaz no duro empenho,
No manto do porvir bordava ufano,
Sob os tropheos da liberdade sacra,
Os destinos da Patria!

Nocturno viajor que andou vagando
A noite inteira, a revolver-se em trevas,
Onde te foste, quando o sol roxeia
Nuvens de um céo mais puro ?

Seccou-se a voz nas fauces resequidas,
Parou sem força o coração no peito,
Qnando somente um pé firmava a custo
Na terra promettida !

E a mão cançada fraquejou... pendeo-lhe,
Inda a vejo pendente, sobre os paginas
Da patria historia, onde gravou seo nome
Tarjado em letras d'oiro.

Pendeo-lhe... quando a mente escandecida
Talvez quadro maior lhe affigurava
Que a luta acerba do Titan brioso,
Ultima prole de Saturno.

Inveja Claudiano pincel valido
Que nos retrata o cataclysmo horrendo,
Que elle — poeta — não achou nos combros
Da ignivoma Tessalia!

Inveja! .. mas ás formas do Gigante
Sorri-se o grande Homero; — e o cego Bardo
Da verde Erin, entre os heróes famosos
Prasenteiro o recebe!

Dorme, ó lutador, que assaz lutaste!
Dorme agora no gelido sudario;
Foi dura o afan, asperrima a contenda,
Será fundo o descanço.

Dorme, ó lutador, teo somno eterno,
Mas sobre a louza do sepulchro humilde,
Como na vida foi, surja o teo busto
Austero e glorioso.

Columna inteira em combros derrocados.
Rolo encerado, que ja beija as praias

Do remoto porvir, — seguro e salvo
Dos naufragios d'um seculo ;

Dorme! — não serei eu quem te desperte,
Meos versos... não serão : — palmas sem graça,
Ou pobre rama d'arvore funerea,
Pyramidal cypreste.

São flôres que desfolha sobre um tumulo
Singelo, entre um rosal, quase fagueiro,
Piedosa mão de peregrino extranho,
Que ali seo fado o leva.

## A' DESORDEM DE CAXIAS.

(Anno de 1839).

— Le crime est immortel! —
— Ainsi que le remord.
A. Barbier!

Que feios sons de surda e rouca trompa!
Echôa a bronzea tuba as duras vozes,
Que hão de os valles cobrir de miserandos,
Insepultos guerreiros!

Sobre as cordas da tua Harpa
Pousa, ó Muza, a nivea mão,
Que com taes sons se não casão
Os sons do teo coração!

Que triste soluçar, que triste pranto,
Que amargas queixas, que doridas preces!
Penosas vascas de sangrenta morte
No extremo agonisar!

Musa minha desditosa,
Dos cabellos despe o loiro,
Da tua Harpa malfadada
Despedaça as cordas d'oiro!

O' Musa, Musa minha! os sons que ouviste
Foi perpassar dos teos, — dos teos que amavas,
Agora sombras vãs, que inultas vagão
A deshoras na terra!
Do misero Cantor que elles amárão,
Talvez em vida, — possa agora ao menos
O triste canto, a suspirada nenia
Sympathico applacal-as!

Foste até qui lympha pura
Que mansamente serpeia,
Entre flores e verdura,
Por sobre um leito d'arreia.

E o sol do inverno derreteo-lhe a neve
Lá da nascente;
Eis o regato que ja corre undoso,
Como a torrente!

Acorda, acorda, ó Musa! assaz cantaste
Teo doce amor,
Serena, em ocio, como ao pé da fonte
Descança a flor.

## II.

Como, quando o vulcão prepara a lava
Nas entranhas da terra, e á noite lança,
Pela sangrenta rubida cratéra,
Mais viva chamma em turbilhão de fumo;
Encandece-se o ar, calla-se a terra,
Nem gyra a brisa, ou só tufão de vento
Com horrido fragor sacode os troncos:
Assim tão bem quando abafadas rosnão
Sanhas do povo, antes que em furias rompão,
Propaga-se confuso borborinho,
Cresce a agitação n'aquelle e neste,
E um quê de febre lhes transtorna o siso.
Tremulos todos, homens e mulheres,
Infantes e anciãos — de mãos travadas,
Turvado o rosto, os olhos lacrimosos,
Lá vão terras do exilio demandando!
Um passo apenas dão, que os alumia
Do vulcão popular a lava ardente.
Sob os trepidos pés soluça a terra,
Sobre as cabeças pavidas volteia
Ou rocha em brasa, ou condensada nuvem
De pó desfeito, que reseca os ares.
E d'entre aquelle fumo e aquellas chamas,
N'aquelle horror e medo, estatuas vivas,
Sinistro lampejar d'armas descobrem:
Descobrem longe os tectos abrasados,
A pouco e pouco esmorecendo em cinzas;

Escutão gritos de uma voz querida,
De um ser que expira, e que em soccorro os chama!
E ali pregados no terreno ingrato
Nem da morte impiedosa fugir sabem,
Nem força tem que lhes escude a vida.
São ali sem acção, sem voz, sem força
Como que má sazão lhes tolhe os membros,
Ou qne os suffoca horrivel pesadello.
Mudos, fracos, sem luta os colhe a morte;
E nús, sangrentos, insepultos jazem!

III.

Turbida reina a bachanal de sangue!
E rei do atroz festim, brinco do vulgo,
Um só campeia! um só, que mal se achega
A lauta meza, onde se enfrasca o vulgo
De carniça e ralé, tocando apenas
O sangue e o vinho, que alimenta o brodio;
Derruba-o logo a popular vendicta,
E fólga ultriz em torno aos vis despojos,
Que nem de amigas lagrimas se molhão,
Nem de talhadas lapidas se cobrem.

IV.

Maldictos sejais vós! maldictos sempre
Na terra, inferno e céos! — No altar de Christo,
Outra vez á paixões sacrificado,

Impios sem crença, e precisando tel-a,
Assemtastes um idolo doirado
Em pedestal de movediça areia;
Uma estatua incensastes — culto infame! —
Da politica, sordida manceba
Que aos vestidos, outr'ora relusentes,
Os andrajos cerzio da vil miseria!
No antropophago altar, madido, impuro
Em holocausto correo d'hostia innocente
Humano sangue, fumegante e rubro.
Insensivel a dor, ao pranto, ás preces,
Insensivel as cans, á verde infancia
Tudo sorveo a rabida quadrilha!
A treda mente maquinou supplicios,
Torpe vingança! meditou cruenta
Nos requintes da dor ébria fartar-se,
E lascivia immoral dos labios d'elles
Em frontes virginaes cuspio veneno.
  Affrontas caião sobre tanta infamia!
E se a vergonha vos não tinge o rosto,
Tinja o rosto do ancião, do infante
Que em qual quer parte vos roçar fugindo!
Da consciencia a voz dentro vos punja,
Timorato pavor vos encha o peito,
E farpado punhal a cada instante
Sintais no coração fundo morder-vos.
Dos que matastes se vos mostre em sonhos
A chusma triste, supplicante, inerme....
Sereis clementes... mas que a mão rebelde

Brandindo mil punhaes lhes córte a vida;
E que então vossos labios confrangidos
Se descerrem sorrindo! — crú sorriso
Entre dor e praser, — qu'então vos prendão
A' póste vergonhoso, e que a mentira
O vosso instante derradeiro infame!
Bradem: Não fomos nós! — e a turba exclame:
Covardes, fostes vós! — e no seo póste
De vaias e baldões cobertos morrão.

V.

Mas cantar tão cruel e tão feio,
Donde párte soando ruidoso?
Da minha Harpa nas cordas quem veio
Sons tão rudes, tão roucos tirar?
Pode acaso o christão impiedoso
Do que soffre avivar o tormento,
Pode acaso diser-lhe cruento:
Teo supplicio não quero acabar?

Pode acaso com torva alegria
Sobre os restos do triste finado
Levantar a cruel voz impia:
Homicida feroz, maldicção?
Não tem elle sequer um peccado?
Como pois poderá penitente
Exclamar n'outra vida: O' clemente
Senhor Deos, tem de mim compaixão?

Réo não sou da cruel impiedade,
Bem que o sangue por elles vertido
Fosse meo; bem que amarga saudade
Sinta eu desses, que a morte ceifou!
Não irei ao sepulchro esquecido
Insultar o mesquinho finado;
Miserando! foi duro o seo fado,
Que um amigo se quer não deixou!

Mas as victimas tristes, cruentas,
Que hoje dormem na campa florida
Nas funereas mortalhas sangrentas
Involvidas, irei visitar:
Lindas flores na aurora da vida!
Murchas flores p'ra terra inclinadas!
Ah! por todas no pó desfolhadas
Ao Senhor compassivo heide orar!

VI.

E como apparecem n'um sonho ditoso
Phantasticas formas, composto formoso
Da noite que morre e do sol á raiar;
Eu vi muitas sombras, com ar magoado
Chorando e passando: eu estava acordado,
E vi; mas par'ceo-me que estava a sonhar!

Passavão mostrando no peito a ferida,
E a celeste ventura no rosto involvida

Se lia da morte ao cruel padecer!
E d'esta e d'aquella, de quantas eu via
O nome, as feições e a voz conhecia!...
Meo peito arquejava co'o interno soffrer.

Com triste sorriso nos labios pousado,
Chamavão-me todas ao tum'lo gelado,
E á paz dos sepulcros, e á vida do céo!
O' anjos, soffrestes martyrio anciado;
Ao céo remontastes, ficastes ao lado
Do martyr divino que á terra desceo;

Como heide seguir-vos no ethereo caminho,
Se preso a esta vida, cançado e mesquinho,
O meo longo martyrio não posso acabar?
Não posso seguir-vos, mas vós, meos amores,
Da noite nas sombras, do sol nos fulgores
Ah! vinde meos sonhos de flores juncar.

# TABYRA.

( POESIA AMERICANA. )

## AOS PERNAMBUCANOS.

(Dedicação.)

Salve, terra formosa, ó Pernambuco,
Veneza Americana, transportada
Boiante sobre as agoas!
Amigo genio te formou na Europa,
Genio melhor te despertou sorrindo
A sombra dos coqueiros.

Salve, risonha terra! são teos montes
Arrelvados, innumeros teos valles,
Cujas veias são rios!
Doces teos prados, tuas varzeas ferteis,
Onde reluz o fructo sasonado
Entre o matiz das flores!

Outros, patria d'heroes, teos feitos cantem,
E a bella historia de colonia exaltem,
E os nomes forasteiros:
Não eu, que nada almejo senão ver-vos,
Tu e Olinda, ambas vós, co'os olhos longos,
Expraiados no mar!

Ambas vós, sobre tudo americanas,
Doces flores dos mares de Colombo,
Filhas do norte ardente!
Virgens irmãs, que vão de mãos travadas
Sorrirem d'innocencia a propria imagem
Que luz em claro arroyo.

Andei, por vós somente, em vossas matas,
Colhendo agrestes flores na floresta,
Não respiradas nunca,
Singelas, como vós, — como vós, bellas,
Ennastrei-as em forma de grinalda
Fino, extremoso amante!

Não vivem muito as flores: são meos versos
Ephemeros como ellas; côr sem brilho,
Ou perfume apagado,
Ou trino fraco d'ave matutina,
Ou echo de um baixel que passa ao longe
Com descante sáudoso.

# TABYRA.

(Poezia Americana.)

Les *peaux rouges*, plus nobles, mais plus infortunées que les *peaux noires*, que arriveront um jour á la liberté par l'esclavage, n'ont d'autre recours que la mort, parce que leur nature se refuse à la servitude

* * *

I.

E' Tabyra guerreiro valente,
Cumpre as partes de chefe e soldado ;
E' caudilho de tribu potente,
— Tobajaras — o povo senhor !
Ninguem mais observa o tratado,
Ninguem menos de p'rigos se aterra,
Ninguem corre aos acenos da guerra
Mais depressa que o bom lidador !

II.

Seo viver é batalha aturada
Dos contrarios a traça aventando;
E' dispor a cilada arriscada
Onde o inimigo se venha metter!
Levão noites com elle sonhando
Potiguares, que o virão de perto,
Potiguares, que assellão por certo
Que Tabyra só sabe vencer!

III.

Mil enganos lhe têm ja tecido,
Mil ciladas lhe têm preparado,
Tas Tabyra, fatal, destemido,
Tem feitiço, ou encanto, ou condão!
Sempre o plano da guerra é frustrado,
Sempre o bravo fronteiro apparece,
Que os enganos crueis lhes destece,
Face a face, arco e setas na mão.

IV.

Já dos Luzos o troço apoucado,
Paz firmando com elle traidora,
Dorme illeso na fé do tratado,
Que Tabyra é valente e leal.

Sem Tabyra dos Luzos que fôra.
Sem Tabyra que os guarda e defende,
Que das pazes talvez se arrepende
Ja feridas outr'ora em seo mal!

V.

Chefe stulto d'um povo de bravos,
Mas que os piagas victorias te fadem,
Hão de os teos, miserandos escravos,
Taes triunfos um dia chorar!
Caraibas taes feitos applaudem,
Mas sorrindo vos forjão cadeias,
E pesadas algemas, e peias
Que traidores vos hão de lançar!

VI.

Chefe stolido, insano, imprudente,
Sangue e vida dos teos malbaratas?!
Mingua as forças da tribu potente,
Vencedora da raça Tupi!
Hão de os teos, acoçados nas matas
Mal feridos, sangrentos, ignavos,
Não podendo viver como escravos,
Dar o resto do sangue por ti!

VII.

Vivem homens de pel'côr da noite
Neste solo, que a vida embelleza;
Podem, servos, debaixo do açoite
Nenias tristes da patria cantar!

Mas o indio que a vida só préza
Por amor dos combates, e festas
Dos triunfos sangrentos, e sestas
Resguardadas do sol no palmar;

VIII.

Ocioso, indolente, vadio,
Ou activo, incançavel fagueiro;
Já nas matas, no bosque erradio,
Já disposto a lutar, a vencer;
Ama as selvas, e o vento palreiro,
Ama a gloria, ama a vida; mas antes
Que viver amargados instantes
Quer e pode e bem sabe morrer!

IX.

Eia, avante! ó caudilho valente!
Potiguares la vêm denodados;
Numeroso concurso de gente,
Ninguem vio nestas partes assim!
Poucos são, mas briosos soldados;
Não são homens de aspecto jocundo!
Restos são, mas são restos d'um mundo;
Poucos são, mas soldados por fim!

X.

Os seos velhos disserão comsigo,
Discutindo os motivos da guerra:
« E' Tabyra — cruel — inimigo,
Já nem crê, renegado, em Tupan! »

Pés robustos lá batem na terra,
Pó ligeiro se expande nos ares:
Era noite — ! milhar de milhares
São armados, mal rompe a manhã.

XI.

Vêm soberbos, — o sol luz apenas!
Confiados, galhardos, lustrosos,
Vêm bizarros nas armas, nas pennas,
Atrevidos no accento e na voz!
Um d'entre elles dos mais orgulhosos
Sóbe á pressa nas aspas d'um monte,
Dali brada, postado defronte
De Tabyra — com geito feroz.

XII.

« O' Tabyra, Tabyra! aqui sómos
A provar nossas forças comtigo;
Dises tu que vencidos ja fomos!
Dil'-o tu, não n'o diz mais ninguem.
Ora eu só a vós todos vos digo,
Sois cobardes, irmãos de Tabyra!
Propagastes solemne mentira,
Que vencer não sabemos tão bem.

XIII.

« Para o vosso terreiro vos chamo,
Contra mim vinde todos, — sou forte:
Accorrei ao meo nobre reclamo!
Aqui sou, nem me parto daqui!

Vinde todos em densa cohorte:
Travaremos combate sangrento,
Mas por fim do triunfo cruento
Direis vós se fui eu quem menti. »

XIV.

Disse o arauto: eis a turba ufanosa
Lhe responde, arco e setas brandindo,
Pés batidos, voz alta e ruidosa:
— Bem fallado, o' guerreiro, mui bem!
Assim é mas Tabyra rugindo,
Resentido de offensas tamanhas,
O rancor mal encobre das sanhas,
Que não lava no sangue de alguem.

XV.

Raso outeiro ali perto se off'rece:
Vinga-o prestes, hardido, acçodado!...
Como leiva de pallida messe,
Já madura, tremendo no pé;
Todo o campo descobre occupado
Por guerreiros, — no extremo horisonte
Não destingue nas faldas do monte,
O que é gente, o que gente não é.

XVI.

Não se abala o preclaro guerreiro,
Do que vê seo valor não fraqueia;
Diz comsigo: « Um só golpe certeiro
Vai de todo esta raça apagar!

Juntos são, mas são meos!» — Ja vozeia;
Logo os seos lhe respondem gritando,
Taes rugidos, taes roncos soltando
Que aos seus proprios deverão turbar!

XVII.

Diz a fama que então de assustadas
Muitas aves que o espaço crusavão,
De pavor subitaneo tomadas,
Descahião pasmadas no chão:
Já com silvos e atitos voavão
Muitas outras, que o triste gemido
No conflicto, abafado e sumido,
Talvez derão, — mas fraco, mas vão!

XVIII.

Eis que os arcos de longe se encurvão,
Eis que as setas aladas já voão,
Eis que os ares se cobrem, se turvão,
De frexados, de surdos que são.
Novos gritos mais altos reboão;
Entre as hostes se apaga o terreno,
Já tornado apoucado e pequeno,
Já coberto de mortos o chão!

XIX.

Peito a peito encontrados affoitos,
Braço a braço travados briosos,
Fervem todos inquietos, revoltos,
Qu'indicisa a victoria inda está.

Todos movem tacápes pesados ;
Qual resvala, qual todo se enterra
No inimigo que morde na terra,
Que sepulcro talvez lhe será.

XX.

« Mas Tabyra! Tabyra! que é delle?
« Onde agora se esconde o pujante? »
— Não n'o vedes? ! — Tabyra é aquelle
— Que sangrento, impiedoso la vai
— Vel-o-heis andar sempre adiante,
— Larga esteira de mortos deixando
— Traz de si, como o raio cortando
— Ramos, troncos do bosque, onde cai. —

XXI.

« Foge! foge! leal Tobajara ;
« Quantos arcos que em ti fazem mira? ! »
— Muitos são ; porém medos encara
— Face a face, quem é como eu sou! —
Muitas setas cravejão Tabyra :
Bello quadro! — mas vel-o era horrivel!
Porco-espim que sangrado e terrivel
Duras cerdas raivando espetou!

XXII.

Tem um olho d'um tiro frexado!
Quebra as setas que os passos lh'impedem,
E do rosto, em seo sangue lavado,
Frexa e olho arrebata sem dó!

E aos inimigos que o campo não cedem,
Olho e frexa mostrando extorquidos
Diz, em voz que mais erão rugidos;
— Basta, vis, por vencer-vos um só!

XXIII.

E com furia tão grande arremettem,
Com despego tão nobre da vida;
Tantos golpes, tão fundos repetem,
Que senhores do campo ja são!
Potiguares lá vão de fugida,
Inda á fera mais torva e bravia
Disputando guarida d'um dia
No mais fundo do vasto sertão!

XXIV.

Potiguares que a aurora risonha
Vio nação numerosa e potente,
Não já povo na tarde medonha,
Mas só restos d'um povo infeliz!
Insepultos na terra inclemente
Muitos dormem; mas ha quem lh'inveja
Essa morte do bravo em peleja,
Quem a vida do escravo maldiz!

XXV.

« Este o conto que os Indios contavão,
« A deshoras, na triste senzalla;
« Outros homens ali descançavão,
« Negra pel'; mas escravos tão bem.

« Não choravão; somente na falla
« Era um quê da tristesa que mora
« Dentro d'alma do homem que chora
« O passado e o presente que tem!

# HYMNOS.

## A LUA.

Figlia del ciel, sei bella!
Ma verra notte ancor, che tu, tu stessa
Cadrai per sempre, e lascierai nel cielo
Il tuo azzurro sentier!

Cesarotti.

Salve, ó Lua candida,
Que traz dos altos montes
Erguendo a fronte pallida,
Dos negros horisontes
As sombras melancolicas
Vens ora afugentar!
Salve, ó astro fulgido,
Que brilhas docemente,
Melhor que o lume tremulo
D'estrella inquieta, ardente,
Melhor que o brilho esplendido
Do sol ferindo o mar!

Salve, ó reflexo tenue
Da eterna luz preclara
Nas nossas noites horridas;
Qual sol que em lympha clara
Desponta os raios vividos;
Em tarja multicor;
E's como a virgem púdica
Que amor no peito encerra
Mas só, mas solitaria,
Vagando aqui na terra
Treplíca o sello mystico
Do não sabido amor!

Eu te amo, ó Lua candida.
No gyro somnolento,
E o teo cortejo madido
De estrellas, e do vento
O sopro merencorio
Que á noite dá frescor.
Por teos influxos magicos
Minha alma aos sons do canto
Revive; e os olhos humidos
Gotejão triste pranto,
Que orvalha a chaga tepido,
Que mingua a antiga dor!

Em gelido sadario
De neve alvi-nitente,
Por terras vi longiquas.

Durante a noite algente,
A tua luz benefica
Luzir meiga do céo.
Nos mares solitarios
Tão bem a vi! — nas vagas
Brincava o lume argenteo,
Cantava o nauta as magas
Canções — no voluntario,
Cançado exilio seo!

Tão bem a vi na limpida
Corrente vagarosa;
Tão bem nas densas arvores
De selva magestosa,
Coando os raios lubricos
No lobrego palmar.
E eu só e melancolico
Sentado ao pé da veia,
Que a deslisar-se timida
Beijava a branca areia;
Ou já na sombra tetrica
Da mata secular;

Em devaneio placido
Velava, em quanto via
Ao longe — os altos pincaros
Da negra serrania,
— Desformes atalaias,
Que sempre ali seráõ!

No rórido silencio
Minha alma se exaltava;
E das visões phantasticas,
Que a lua desenhava,
Seguia os traços aureos
Tremendo em negro chão!

Pensava ledo, improvido,
Até que de repente
Da minha vida misera
Se me antolhava á mente
A quadra breve e rapida
Do malfadado amor.
Então fugia attonito
O bosque, a selva, a fonte,
E as sombras, e o silencio;
Bem como o servo insonte,
Que as setas foge pavido
Do fero caçador!

Salve, ò astro fulgido.
Que brilhas docemente
Melhor que o lume tremulo
D'estrella inquieta, ardente,
Melhor que o brilho esplendido
Do sol ferindo o mar.
Eu te amo, ó Lua pallida,
Vagando em noite bella,
Rompendo as nuvens turbidas

Da rispida procella ;
Eu te amo até nas lagrimas
Que fases derramar.

## A NOITE.

Noite, melhor que o dia, quem não te ama!
Quem não vive mais brando em teo regaço!
Filinto.

Eu amo a noite solitaria e muda,
Quando no vasto céo fitando os olhos,
Alem do escuro, que lhe tinge a face,
Alcanço deslumbrado
Milhões de sóes a divagar no espaço,
Como em salas de esplendido banquete
Mil tochas aromaticas ardendo
Entre nuvens d'incenso!

Eu amo a noite taciturna e quêda!
Amo a doce mudez que ella derrama,
E a fresca aragem pelas densas folhas
Do bosque murmurando:

Então, máo grado o véo que involve a terra,
A vista do que vela enxerga mundos,
E apesar do silencio, o ouvido escuta
Notas de ethereas harpas.

Eu amo a noite taciturna e quêda!
Então parece que da vida as fontes
Mais faceis correm, — mais sonoras soão,
— Mais fundas se abrem;
Então parece que mais pura a brisa
Corre, — que então mais funda e leve a fonte
Mana, — e que os sons então mais doce e triste
Da musica se espargem.

O peito aspira soffrego ar de vida,
Que da terra não é; qual flôr nocturna,
Que bebe orvalho, elle se embebe e ensópa
Em extasis de amor:
Mais direitas então, mais puras devem,
Calada a natureza, a terra e os homens,
Subir as orações aos pés do Eterno
Para afagar-lhe o throno!

Assim é que no templo magestoso
Rebôa pela nave o som mais alto,
Quando o sacro instrumento quebra a augusta
Mudez do sanctuario:

Assim é que o incenso mais direito
Se eleva na capella que o resguarda,
E na chave da abobada topando,
Como um docél, se expraia.

Eu amo a noite solitaria e muda;
Como formosa dona em regios paços,
Trajando ao mesmo tempo luto e gallas
Magestosa e sentida;
Se no dó attentais, de que se enluta,
Certo sentis pesar de a ver tão triste;
Se o rosto lhe fitais, sentis deleite
De a ver tão bella e grave!

Considerai porem o nobre aspecto,
E o pórte, e o garbo senhoril e altivo,
E as fallas poucas, e o olhar sob'rano,
E a fronte levantada:
No silencio que a véste, adorna e honra,
Conhecendo por fim quanto ella é grande,
Com voz humilde a saudareis rainha,
Curvado e respeitoso.

Eu amo a noite solitaria e muda,
Quando, bem como em salas de banquete
Mil tochas aromaticas ardendo,
Girão fúlgidos astros!

Eu amo o leve odor que ella diffunde,
E o rorante frescor cahindo em per'las,
E a magica mudez que tanto falla,
E as sombras transparentes!

Oh! quando sobre a terra ella se estende,
Como em praia arenosa mansa vaga;
Ou quando, como a flôr d'entre o seo musgo,
A aurora desabrocha;
Mais forte e pura a voz humana sôa,
E mais se accórda ao hymno harmonioso,
Que a natureza sem cessar repete,
E Deos gostoso escuta.

## A TEMPESTADE.

Fervescere faciet, quasi ollam,
profundum mare.
Job — 41, 22.

I.

De côr azul brilhante o espaço immenso
Cobre-se inteiro; o sol vivo lusindo
Do bosque a verde coma esmalta e doira,
E na corrente dardejando á prumo
Scintilla e fulge em laminas doiradas.
Tudo é luz, tudo vida, e tudo cores!
Nos céos um ponto só negreja escuro!

Eis que das partes, onde o sol se esconde,
Brilha um clarão fugaz pallido e breve:

Outro vem apoz elle, inda outro, muitos;
— Succedem-se frequentes, — mais frequentes,
— Assumem côr mais viva, —inda mais viva,
E em breve espaço conquistando os ares
Os horisontes co'o fulgir roxeião.

Qual mancha d'oleo em tella assetinada,
Que os fios todos lhe repassa e embebe;
Ou qual abutre do palacio aereo
Tombando acinte, — no descer sem azas
Um ponto só, — até que em meia altura
Abrindo-as, paira magestoso e horrendo:
Assim o negro ponto avulta e cresce,
E a cupola dos céos de côr medonha
Tinge, e os céos alastra, e o espaço occupa.
A abobada de trevas fabricada
Descança em capiteis de fogo ardente!

De quando em quando o vento na floresta
Silva, ruge, e morre; — e o vento ao longe
Rouqueja, e brama, e cava-se empolado,
E aos pincaros da rocha ennegrecida
De iroso e mal soffrido a espuma arroja!
Raivoso turbilhão comsigo arrastra
O argueiro, a folha em vortice espantoso;
No valle arranca a flor, sacode os troncos,
Na serra abala a rocha, e move as pedras,
No mar os vagalhões incita e crusa.

II.

Os sons da tempestade ao longe escuto!
Concentra a naturesa os seos esforços
Primeiro que entre em luta; não lampeja
Invio fogo nos céos; não sopra o vento:
E' tudo escuridão, silencio e trevas!
Somente o mar de soluçar não cessa,
Nem de rugir as ramas buliçosas,
Nem de soar confuso borborinho,
Incompr'ensivel, como que sem causa,
Immenso como o echo de mil vozes
No céo de estensa gruta repulsando.

Silencio! perto vem a tempestade!
Gravidas nuvens de fataes coriscos,
Sem rumo, como náo em mar desfeito,
Em muda escuridão negros phantasmas,
Indistinctos, sem forma, ondulão, jogão.
Logo poder occulto impelle as nuvens,
Attrahem-se os castellos tenebrosos,
Embatem-se nos ares, — brilha o raio,
E o ronco do trovão após rimbomba!

III.

Ruge e brame, sublime tempestade!
Desprende as azas do tufão que enfreias,
Despega os elos do veloz corisco

E as nuvens rasga em rubidas cratéras.
Os fuzis da cadeia temerosa
Desfaz e quebra; e o espaço e as nuvens
Do teo açoite aos lategos bramindo,
Occupem de pavor os céos e a terra.
Ruge, — e o teo poder mostra rugindo,
Que assim por teos influxos me commoves,
Que todo me electrisas e me arroubas!.
Qual foi Mazzepa no veloz ginete
Por desertos, por syrtes arenosas
Jungido e preso e attonito levado;
Assim minha alma sobe e vai comtigo,
E vinga os teos palacios mais subidos,
Contempla os teos horrores, e dos astros
No praser, que lhe dás, toda embebida,
Sedenta d'emoções folga comtigo!
Parece que ali tem a regia c'roa
Que o feliz condemnado achou na Ukrania.
Ruge, ruge embora, ó tempestade!

IV.

Emfim descendo a chuva copiosa
Nuvens, bulcões desfaz; os rios crescem,
De perolas a relva se matisa,
O céo de puro azul todo se arreia,
Sorri-se a natureza, e o sol rutilla!

V.

Assim, meo Deos, assim será no dia
Do final julgamento quando o anjo
Soprar a trompa que desfez os muros
De Jerichó soberba!

O mar sobrepujando os seos limites,
Com roncos temerosos, nunca ouvidos,
Virá para sorver, com furia brava,
Ilhas e continentes.

O sol, perdendo o brilho e a natureza,
Não luz, mas puro fogo, hade accender-se,
Como o fogo sagrado, que se prende
Nas cortinas do templo.

Os orbes dos seos eixos desmontados,
No abysmo hão de cahir com grande estrondo,
E, redomas de vidro, hão de partir-se
Em pedaços sem conto.

Do abysmo as solidões hão de acordar-se!
Flamivomos vapores condensados,
Té nós, e alem de nós, hão de elevar-se
Em pavoroso incendio.

O ar hade accender-se, a terra em fogo
Tornar-se, como o ferro ardendo em fragoa,

Coalhar-se o mar e em aspera secura
Converterem-se as ondas.

E nesta confusão de fumo e chamas,
Neste cahos, que a mente mal alcança,
Quando nada existir de quanto existe,
Será vencida a morte.

Logo, á um só diser da Omnipotencia
O pó segunda vez hade animar-se,
E os mortos, mal soffrendo a luz da vida
Attonitos, pasmados;

Hão-de erguer-se na campa, inteiros, vivos,
E como Adão, — a tatear os membros,
Extranhos a existencia já vivida,
Perguutaráõ: Quem somos?

Então, Senhor, então, — tu o disseste
Virás cheio de gloria e magestade,
Em solio de luseiros resplendente,
E em celeste cortejo!

Virás, sol da justiça, em fins do mundo
Acalmar a procella, e quando aos mortos
Disseres tu, quem és, — lembrar-nos-hemos
Senhor, do que já fomos

Feliz então quem só viveo comtigo,
Quem n'ancora da fé prendeo sua alma,

Quem só em ti fundou sua esperança,
Pequeno e humilde!

Feliz então quem tua lei guardando,
Seos passos graduou nos teos caminhos,
Quem dia e noite revolveo comsigo,
Como aplacar-te

# SEXTILHAS DE FREI ANTAO.

*J'ai fait de ma chambre la cellule d'un cloître, j'ai beni et sanctifié ma vie et mn pensée; j'ai raccourci ma vue et j'ai eteint devant mes yeux les lumières de notre âge: j'ai fait mon cœur plus simple, et l'ai baigné dans le benetier de la foi catholique; je me suis appris le parler enfantin du vieux temps: et j'ai ecrit!...*

STELLO:

# LOA DA PRINCEZA SANCTA.

## LOA DA PRINCEZA SANCTA.

Bom tempo foy o d'outrora
Quando o reyno era christão,
Quando nas guerras de mouros
Era o rey nosso pendão,
Quando as donas consumião
Seos teres em devação.

Dava o rey uma batalha,
Deos lhe acudia do céo;
Quantas terras que ganhava,
Dava ao Senhor que lhas deo,
E só em fazer mosteyros
Gastava muito do seo.

Se havião muitos Iffantes
Torneyo não se fasia;
He esse o estilo de Frandres
Onde anda muita heregia:
Para os armar cavalleiros
A armada se apercebia.

Chamava el-rey seos vassallos
E em côrtes logo os reunia:
Vinha o povo attencioso,
Vinha muita cleregia,
Vinha a nobreza do reyno,
Gente de muita valia.

Quando o rey tenha-los juntos
Começava a discursar:
« Os Iffantes já são homens,
Vou-me ás terras d'alem-mar
Armallos hy cavalleiros;
Deos Senhor m'hade ajudar. »

Não concluia o pujante
Rey — de assi lhes propor,
Clamavão todos em grita
Com vozes de muito ardor:
« Seremos nessa folgança;
Honra de nosso Senhor! »

E logo todos em sembra,
Todos gente mui de bem,
Na armada se agazalhavão,
Sem se pezar de ninguem;
E os Padres de Sam Domingos
Hião com elles tàmbem.

Hião, si, os bentos Padres;
E que assi fosse, hé resão,
Que o sancto em guerras d'Igreja
Foy um bom sancto cristão:
Queimou a muitos hereges
No fogo da expiação!

Quando depois se tornava
Toda a frota pera cá,
Primeiro se perguntava,
« Que terras temos por lá? »
Quem em Deos tanto confia,
Sempre Deos por si terá.

El-rei tornava benino,
Como coisa natural:
« Temos Ceita, Arzilla ou Tangere,
« Conquistas de Portugal! »
E todos, a voz em grita,
Clamavão real! real!

Bom tempo foy o d'outr'ora
Quando o reyno era christão;
Os moços davão-se á guerra,
As moças á devação:
Aquella terra de mouros
Vivia em muita afflicção.

Deo-nos Deos tantas victorias,
E tanto pera louvar,
Que os Padres de Sam Domingos
Ja não sabião resar;
Todolo tempo era pouco
Pera louvores cantar!

Sendo tantas as batalhas,
Nem recontro se perdeo!
Aquelles Padres coitados
Não tinhão tempo de seo,
Levavão todo cantando
Louvores ao pay do céo.

Louvores ao pay do céo,
Que eu inda possa cantar,
Quando não vejo nos mares
Nossas quinas tremolar,
Mas somente o templo mudo,
Sem guarnimentos o altar!

Vejo os sinos apeados
Dos campanarios subtiz,
E a prata das sacristias
Servida em misteres vis,
E ante os leões de Castella
Dobrada a Luza cerviz!

Cant'eu, em bem que sou Padre,
Digo que sou Portuguez:
Arço de ver nossas coizas
Hirem todas ao revez,
Arço de ver nossa gente
Andar comnosco ao envez.

Mercê de Deos! minha vida
He vida de muita dura!
Vivo esquecido dos vivos
Na terra da desventura,
Vivo escrevendo e penando
N'um canto de cella escura.

Do meo velho breviairo
Só deixarei a leitura
Pera escrever estes carmes,
Remedio á nossa amargura;
O corpo tenho alquebrado,
Vive minha alma em tristura.

Que armada de tantas velas,
Que armada he essa qu'hyvem ?
Vem subindo Tejo acima,
Que fermosura que tem !
Nas praias se apinha o povo,
E as cobre todas porém.

Dão signays as fortalezas,
Respondem signays de lá :
Vem el-rey victorioso !
Quem de gaudio se terá ?
O mar he todo bonança,
O céo mui sereno está !

Oco bronze fumo e fogo
Já começa a despejar ;
Acordão alegres echos
Os sinos a repicar ;
Grita e folgança na terra,
Celeuma e grita no mar !

Vinde embora mui depressa
Senhores da capital!
Vinde ver Affonso quinto,
Rey, senhor de portugal;
Vem das terras africanas
Dar-vos festança real.

Nossos reys forão outrora
Fragueiros de condição;
Dormião quasi vestidos,
Espada nua na mão;
Nem repoisavão de noite
Sem faser sua oração.

Empresa não commettião
Sem primeiro commungar,
Sem faser voto á algum sancto
De tenção particular;
Porém victorias houverão,
Que são muito de espantar!

Os vindouros esquecidos
Da proteção divinal,
Conhecerão os poderes
Da benção celestial,
Se contarem os mosteyros
Das terras de Portugal!

Nossas capellas que temos,
Nossos mosteyros custosos,
São obras sanctas de Sanctos,
Obras de reys mui piedosos;
São brados de pedra viva
Que prégão feitos briosos.

Alguns já agora escarnecem
Dos templos edificados;
Disem que foram mal gastos
Os bens com elles gastados:
Eu creio (Deos me perdôe)
Que são incréos desfarçados!

E mais prasmão dos feitios
De pedra, que Memphis tem,
Sem ter olhos pera Mafra,
Pera a Batalha ou Belem!
Oh! se a estes conheceras,
Meo Frey Gil de Santarem!

N'aquella villa deserta
Ainda se me affigura
Ver elevar-se nas sombras
Tua válida estatura,
E ouvir a voz que intimava
Ao rey a sentença dura!

E mais a tacha que tinha
Era ser fraco, e não mais!
Tu, meo Sancto, que fiseras,
Se ouviras a estes tais,
Que nos assacão motejos
A's nossas obras reais!

Mas vós, quem quer qu'isto lerdes,
Relevai-me esta tardança;
São achaques da velhice:
Vivemos de remembrança
E em longos fallas fasemos
De tudo commemorança.

Já el-rei Affonso quinto
Nas suas terras pojou:
Alegre o povo o recebe,
Alegre el-rey se mostrou;
Abrio-se em alas vistosas,
El-rey entre ellas passou.

Vem os muzicos troando
Nos atabales guerreiros
Tangem outros istromentos
Desses climas forasteiros,
E traz elles vêm marchando,
Passo a passo, os prisioneiros.

São elles mouros gigantes
De bigodes retorcidos,
Caminhão a passos lentos,
Com sembrantes atrevidos.
Causa medo vellos tantos,
Tam membrudos, tam crescidos!

São homens de fero aspeito,
Homens de má condição,
Que vivem na lei nojenta
Do seo nojento alkorão,
Que vinho? nem querem vello,
Só por que o bebe um christão!

Vèm as mouras despois delles,
Rostos cobertos com véos;
Bem que filhas d'Agarenos,
São tambem filhas de Deos:
Se forão christans ou freiras
Serião anjos dos céos.

Lusião os olhos dellas
Como pedras muito finas;
Devião ser finas bruchas,
Inda qu'erão bem meninas
Que estas mouras da mourama
Nascem ja bruchas cadimas!

Huma dellas que lá vinha
Olhou-me á travez do véo!..
Foy aquillo obra do demo,
Quasi, quasi me rendeo!
Pensei nella muitas vezes,
Valerão-me anjos do céo!

Via as largas pantalonas,
E o pesinho delicado...
Como póde pensar nisto
Hum pobre frade cansado,
Hum padre da Observancia,
Que sempre come pescado?!

Emfim diser quanto vimos
Não cabe neste papel;
Vinhão muitas alimarias
Como achadas a granel;
Vinha o Iffante brioso;
Montado no seo corsel.

Vinhão pagens e varletes
Vinhão muitos escudeiros,
Vinhão do sol abrazados
Nossos robustos guerreiros;
Vinha muita e boa gente,
Muitos e bons cavalleiro!

A Princeza Dona Joanna
Sahio dos Paços reais;
Era moça, e muito airosa,
E dona de partes tais,
Que todos lhe qu'rião muito,
Extranhos e naturais!

Foy requerida de muitos
E muito grandes senhores,
Por fama que della tinhão,
E por copia de pintores,
Que muitos vinhão de fóra
Ao cheiro de seos louveres.

E dis-se d'um rey de França,
Ludovico, creio eu:
Hum pobre frade mesquinho
Só trata em coisas do céo;
Sabe elle que muito sabe
Se a bem morrer aprendeo.

Pois diz-se do rey de França
O onzeno do nome seo,
Que vendo um retrato destes
Pera si logo entendeo,
Qu'era prodigio na terra
Quem tanto tinha do céo.

E logo sem mais tardança
Cahio giolhos no chão,
No feltro traz arreliquias,
Assi uza hum rey cristão;
O seo feltro poz diante,
E fez hy sua oração!

Sahio a real Princeza,
Sahio dos Paços reais
Nos pulsos ricas pulseiras,
Na fronte finos ramais;
De longe seguem-lhe a trilha
Muitos bons homens segrais.

Traçava um mantéo vistoso
Sobolas suas espaldas,
E as largas roupas na cinta
Prendia em muitas laçadas;
Seos olhos valião tanto
Como duas esmeraldas.

Tinha elevada estatura
E meneyo concertado,
Solto o cabello em madeixas,
Pelas costas debruçado:
Cadeixo de fios d'oiro,
Franjas de templo sagrado.

Vinha assi a regia Dona,
Vinha muito pera ver:
O povo em si não cabia,
Quando a via, de praser;
Era ella sancta as occultas
E anjo no parecer!

Debaixo das tellas finas
E dos brocados luzidos,
Trasia á raiz das carnes
Duros celicios cozidos
E humas crinas muito agras,
Tudo extremos mui subidos.

Passava noites inteiras
No oratorio a resar,
Dormia despois na pedra
Sem ninguem o suspeitar:
Extremos tais em princeza
Quem n'os hade acreditar?

No dia de lava-pés
Ordenava ao seo Vedor,
Traser-lhe doze mulheres;
E depois com muita dor;
Lavava-lhe os pés chorando,
Honra de nosso Senhor!

E depois de os ter lavado,
Não perdia a occasião,
Despedia a todas juntas
Com sua esmola na mão:
Disia que era humildade,
E obra de devação.

E as mendigas prasmadas
Sahião de tal saber,
E perguntavão, quem era
Aquella sancta mulher?!
Máos peccados que ella tinha
Só pera assi proceder!

O mesmo Vedor foy quem
Isto despois revelou,
Quando aquella humanidade
Em o Senhor descançou;
Dona Joanna era já morta,
Elle porém m'o contou.

Mas sendo tanto o resguardo
Que guardava em coisas tais
Sabião algo os estranhos
Por muitos certos signays,
Que o ar he todo perfume,
Se a terra he toda rosais.

He coisa de maravilha
Que me faz scismar a mi,
Que as donas d'hoje pareção
Huns camafêos d'alfini,
Não donas de carne e osso:
As donas d'outrora — si.

Hoje leigos de nonnada
(He lhes o demo caudel)
Praquejão a meza escaça
E as arestas do burel;
Querem mimos e regalos,
E jejuns a leite e mel.

Lá caminha Dona Joanna,
Regente de Portugal;
Traz sobre si muitas joias
Do thesouro paternal;
Deos lhe pôz graça divina
Sobre a graça natural.

Acostou-se a comitiva
Muito senhora de si:
Perante el-rey se agiolha,
Disse-lhe el-rey: não assi!
E ao peito a cinge disendo:
Não a meos pés, mas aqui!»

«Sois um bom pay, Senhor rey,
Tornou-lhe a sancta Princeza:
Eu que sou vassalla vossa
E filha por natureza,
Peço mercê como aquella,
Como esta peço fineza.»

Ficarão logo suspensos
Todolos que erão aly,
Ficarão como enleiados,
Enleio tal nunca vi;
Eis que a Princeza medrosa
Começa a propor assi.

El-rei não lhe respondera;
Que lhe havia responder?
Boa filha Deos lhe dera,
Que lhe havia defender?
Sorrio-se, o bom rey quisera
Muito por ella fazer.

A Princeza disse entonces:
« De alguns capitães antigos
Tenho lido, Senhor rey,
Que, vencidos os imigos,
Tornavão, a Deos fasendo
Sacrificios mui subidos.

« Vião as coisas melhores
Que nos seos reynos havião,
E logo lh'as offertavão;
E mercês tambem fasião,
No dia do seo triunfo
A los que justas pedião.

« Deslembrar a usança antiga
Fôra de grande extranheza ;
Agora sobre maneira,
Perfeita tamanha empreza,
De tanto lustre aos do reyno,
De tal honra a vossa Alteza.

« Digo pois a vossa Alteza,
E digo com muita fé,
Deve a offerta ser tamanha
Quammanha foy a mercê,
Não do nobre rey pujante,
Mas do sancto rey qual he.

« A offerta que vos fiserdes,
Será mercê paternal :
Se quereis que conresponda
Ao favor celestial,
Deve ser coisa mui alta,
Deve ser coisa real.

« Ao Deos que vence as batalhas
Dai-lhe a filha muito amada,
Dai-lhe a só filha que tendes
Em tantos mimos criada :
Será a offerta bem quista
E do Senhor acceitada.

« E eu a quem mais custou
De medos esta jornada,
Que muitas noites orando
Passei em pranto banhada,
Sou eu, Senhor, quem vos peço
Ser a hostia a Deos votada. »

Que sancta que era a Princeza,
Que extremos de devação!
Nos sembrantes dos presentes
Vio-se, e não era rezão,
Que a nenhum delles prasia
Deferir tal petição.

Sobr'esteve um pouco e mudo,
El-rey, por que muito a amava:
Aquelle diser da filha
Todo o praser lhe aguava,
Aquelle pedir sem dó
Todo o ser lhe transtornava.

Encostou-se ao hombro della
O pobre velho cansado,
Chorou o triunfo breve
E o praser mal rematado,
Não como rey valeroso,
Mas como pay annojado.

El-rey despois mais tranquillo
Rompeo o silencio alfi' ;
E entre afflicto e satisfeito
Disse á filha : Seja assi ;
Velhos guerreiros vi eu
Chorarem tambem aly.

Cant'eu perdido entre o vulgo
Não sei que tempo gastei,
Nem sei de mim que fiserão,
Nem tam pouco se chorei ;
Foi traça da providencia :
Nisto commigo assentei.

Foy Jephté corajoso,
O forte rey de Judá
Volta coberto de loiros,
Quem primeiro encontrará ?
Sente a filha, torce o rosto
Nada ao triste valerá.

Qual d'estes dois sacrificios
Soube a Deos mais agradar ?
Vai a Hebrea constrangida
Depor o collo no altar,
Vai a christã jubilosa !
São ambas pera pasmar.

Depois n'hum dia formoso,
Era no mez de Janeiro,
Houve huma scena vistosa
Dentro de hum pobre mosteyro;
Fundou-o Brites Leytoa,
Dona mui nobre d'Aveiro.

Huma princeza jurada,
Sobrinha d'altos Iffantes,
Filha de reys soberanos,
Senhora das mais pujantes,
Era a primeira figura,
Espantava os circunstantes.

Aly humilde e curvada
Pezar de todos os seos,
Giolhos sobre o ladrilho
E as mãos erguidas aos céos,
Ouvi, exigua mortalha
Pedir polo amor de Deos.

Cantemos todos louvores,
Louvores ao Senhor Deos :
Os anjos digão seo nome
Rostos cobertos com véos ;
Leião-no os homens escripto
No liso campo dos ceos.

Bom tempo foy o d'outrora
Quando o reyno era christão,
Quando nas guerras mouriscas
Era o rey nosso pendão,
Quando as donas consumião
Seos teres em devação.

« Isto escreveo Frei Antão
De vida mui alongada,
Nossa Senhora da Escada
O teve por Capellão. »

# GULNARE E MUSTAPHA'.

## GULNARE E MUSTAPHA'.

Deos Senhor foy quem nos céos
Pendurou milhões de estrellas,
Foy quem matisou a terra
De froles varias e bellas,
Quem ao mar por ser pujante
Areias deo por cancellas.

Mandou mais qu'arvoles fortes
Das sementes germinassem,
Que dessem froles mimosas,
Que perfumes trescalassem,
E mais fez que em tempo azado
As froles fructificassem.

Pois aquelle anjo das trevas,
Imigo da humanidade,
Nas arvoles poz carcoma,
Poz na frol muita ruindade,
Poz nos céos a nuvem negra,
Poz no mar a tempestade.

Nem só nas coisas terrenas
Damna, e faz mal o tredor,
A alma tambem por mil modos
Tenta com geito e sabor,
Que troca o praser celeste
Em penas d'eterna dor!

Mas não foy jamais que Deos
Em tal feito consentisse,
Senão porque suas posses
O homem bem claro visse,
Que sem elle fora o mundo
Maldade só e sandice.

Mas que mal ha hy na terra
Que não venha pera bem?
Os d'aqui desta amargura
Dão coyta, e gloria porém;
Dos outros que traz o demo
Deos o remedio lá tem.

Do mal que me foy commigo
Acontecido, al não sei,
Senão que por amor delle
Muito má vida levei,
Que me dá coyta mui grave
Do mal que me conportei.

Como já fiz penitencia,
Ora farei confissão;
Tal será, qual foy o escand'lo
De que fui occasião:
Não me tomem por modello,
Mas tomem de mi licção.

Não he pera honra minha,
Mas pera honra dos céos,
Que eu direi publicamente
Os feios pecados meos;
Toda a vergonha foy minha,
Toda a honra cabe a Deos.

He uso assi na milicia
Celeste, e mais na d'aqui:
Dá batalha o cabo experto,
Desses muitos que ha per hy;
Toda a preza aos seos concede,
Só loa quer pera si.

A Princeza Dona Joanna
Ja vive dentro d'Aveiro;
Consigo trouxe os escravos,
Que lhe trouxe o rey fragueiro;
O que ás terras africanas
Passou, e voltou primeiro.

Vierão aquelles feios
Netos d'Agar, inda mal!
Traçando vastas roupagens
A' maneira oriental;
Larga faxa na cintura,
Na faxa largo punhal.

Era pasmo vel-os juntos
Polas ruas passear,
Passo á passo—graves, mudos,
Com doairos d'espantar,
Profundas rugas na fonte,
Rugas de máo meditar.

Levar traz si tanta gente
Nunca a ninguem vi assi;
Nem folias, nem cantares
Vi com tal cauda apoz si,
Bôdo, nem festa d'orago
Bufão, e nem bolati'.

Mas quem vio acaso as turbas
Correrem traz algum bem?
Vão todas apoz engodos,
Apoz maldades tambem;
Mas seguir a Deos por gosto
Nem as vi, nem vio ninguem.

Com estes mouros descridos
Vierão tambem aquellas
Mouras, filhas da Mourama,
Donas, creio, muito bellas;
No trato e no galanteio
Outras que tais Magdanellas.

Vinha tambem a menina,
Aquella moira fatal,
Que nas ruas de Lisboa
Vi no cortejo real:
Cortejo del-rey Affonso
Vi-o eu, só por meo mal!

Quantas coisas que trazia,
Nulla rem lhe estava mal;
Dizião que tudo nella
Tinha graça natural,
Era coisa preciosa,
Como coisa oriental.

Aquella abelha sem dardo,
Aquella pomba sem fel
Passava noites inteiras
Tangendo n'hum arrabel,
Coando vivas saudades
Dos labios, em leite e mel.

E, alta noite, nas trevas
Ouvindo na solidão
Aquelle triste istromento,
Al não disseras, senão
Que o mesmo demo voltado
Era n'aquella feição.

Porém zagales da serra
Mil vezes, no fim do dia,
Polos montes não buscava
A sua ovelha erradia;
Mas no bordão apoiado
De si mesmo se esquecia.

Cant'eu vendido e prasmado
De todos e mais de mi,
Mil vezes fugi da cella,
Té das matinas fugi,
Mil vezes durante a noite
Aquelle istromento ouvi.

Mil vezes !.. e não sei como
Isto foy, que o não sentia,
Quando mal me precatava,
Dava commigo que ouvia
Dilatar-se polos valles
Aquella doce harmonia.

Assi todo embevecido
Bons sonhos que então sonhei,
Boas venturas que eu tive,
Bons scismares que eu scismei!
Esqueci-me de ser frade!
Como isto foy, já não sei.

E se ás vezes me lembrava
Do juramento que dei,
Do encargo que me tomara,
E das vestes que eu tomei,
Chorava; e não sei bem como
Em pranto não me afundei.

Derramei n'aquellas brenhas,
Cheio d'extranha afoiteza,
Palavras dadas ao vento
Com muito feia crimeza,
Contra mi e contra todos,
Contra toda a natureza.

Polas serras, polos matos,
Polas voltas dos caminhos
Rojei nas sarças mordentes
E nos cardos montesinhos,
Rasgando os brancos vestidos
N'aquellas matas d'espinhos.

E não sei, oh! não sei como
Todo eu não fiquei aly,
Como eu que por tantas vezes
Rosto nas rochas feri,
Não perdi o ser de todo,
Nem siquer ensandeci.

Então ao Senhor clamava:
« Cegueira, Senhor, me dás!
Cinge-me os rins larga zona
De ferro, e bem me não traz;
Trago cilicios mordentes,
Usando burel mordaz.

« Abro e vejo o livro sancto,
E vejo que não sei ler !
Aquelles sanctos dictames
Já n'os não sei compr'hender ;
Enojo occupa minha alma,
Hei pavor de me perder ! »

Donde pois me vinha a mi
No proprio bem ver o mal ?
Conheci no meo exemplo,
Que m'era de ser fatal :
Senhor, teo sancto remedio
He triaga cordial.

Bem como o ferro na fragoa,
No soffrer a alma se apura,
Assi que disse eu commigo
Que a triaga tambem cura,
Quanto mais amarga e punge,
Poder de sua amargura.

Aquella negra peçonha
Lavrando foy pouco e pouco;
Rohia coyta d'amores
Miôlo cavado e ôco,
Já era o mal dentro d'alma,
E eu delle rendido e louco.

Disião meos bentos Padres;
« Que he feito de Frei Antão?
Negra dor o tem por certo,
Negra dor de coração:
O demo o fez, porque visse
Turvada tal perfeição.

« Parece já de esquecido
Que nem de si tem lembrança!
A taboa se achega apenas,
Não toma a sua pitança;
Té nos officios divinos
Perdeo a sua trigança.

« Sahe á noite muitas vezes,
Diz o bom do Guardião :
Sahir á noite, á deshoras,
Certo não he devação :
Que faz de noite nas ruas
Hum padre, ou frade ou christão ?»

Com tudo alguns dos mais velhos
Dizião : » ¿ Que ha hy de mal ?
O quer que he que o perturba,
Coisa não he natural :
Deve ser condão divino
Ou graça celestial !

« Pois hum sancto como aquelle !
Quem he que o hade tentar ? »
Eis senão quando começa
Voz, não sei donde, a zoar
Que Frei Antão ja não sabe
No seo rosairo resar !

E o caso foy que hum noviço
Tirou-mo só de matreiro,
Tendo-o fexado consigo
Por novena ou mez inteiro ;
E eu d'outro me não provêra,
Sendo que tinha dinheiro !

Todolos meos defensores
Voltarão-se contra mi;
Dizião que era mal feito
Hum sancto mentir assi:
Seja-me Deos testemunha!
Nem sancto sou, nem menti.

Logo em Communidade
Propoz-me o Provincial:
« Disei *peccavi*, meo Padre,
Que vos havedes tão mal,
Que não resades as rosas
Da virgem celestial! »

Ouvido que foy por mi
Tão solemne mandamento,
A'mi, que primara sempre
Adentro do meo convento,
Não sei que pejo maldicto
Acorreo-meo ao pensamento.

Não era feio o pecado,
Mas confessal-o; e assi
Fiquei de pavor tranzido
Mal que tal preceito ouvi:
Homem não era de carne,
Montanha de pedra — si.

Torvado, calado e mudo
Nada não sube dizer;
Nem confessar meo pecado,
Nem ao menos responder:
Ficárão como suspensos
Os que erão aly a ver.

O grave Provincial
Rompe o silencio, e «Azinha
Trazei, disse elle, o hyssope,
Mais a benta caldeirinha;
Ver demo em corpo de frade
Coisa não he comezinha!

Corre afanado o Sacrista
Pera a sua sacristia,
Traz prestes a caldeirinha
Banhada inteira na pia;
Resava mil rezas suas,
Mil esconjuros dizia.

Do sacrista amedrontado
Recebe o Provincial
O hyssope todo molhado,
Disendo sacerdotal;
«Fugide, partes adversas,
Demonio, esprito do mal.

« E mais deixa a criatura
Por amor de quem Jezus
Soffreo marteyro affrontoso,
E morte vil n'huma cruz;
Em nome do Padre e Filho
E Esprito, que sempre luz!»

Ouvido aquelle esconjuro,
Cego de toda a resão,
Larguei-me do refeitoiro,
Fugindo como hum ladrão:
Clamárão todos em grita:
« Chantou-se nelle o Legião!»

Enfiei os claustros todos,
Passei pola portaria,
Achei-me em logar, de noite,
Que eu mesmo não conhecia:
Os sons do arrabel moirisco
Somente daly se ouvia,

No entanto os Padres prudentes
Discursavão entre si,
Disião dos esconjuros
Que mal cabião em mi,
Que era grande sacrilegio
Usarem commigo assi.

Ai! sacrilego era o homem
Que ao inferno se vendia,
Era o christão que adorava
As filhas da idolatria,
Que dentro em si tinha o Demo,
Que o Demo em si não sentia;

Era o Padre que trocára
O amor de seo Senhor
Por amor d'huma Donzella,
Filha d'aquelle impostor,
Mafoma, falso propheta,
Mafoma, judêo tredor!

A princeza Dona Joanna
Mandou ao nosso Convento:
Qu'eu prestes vá ter com ella
Manda por seo mandamento;
Não quer demora nem falta,
Negocio diz de momento.

Qual seja o negocio urgente
Não m'o diz a mensageira;
Não sabe coiza de certo,
Não dirá coisa certeira:
O habito á pressa enfio,
Tomando-lhe a dianteira.

E logo chamada á grade
Veio a Princeza real:
« Meo Padre, disse-me entonces,
He fóra do natural
Qu'eu tenha escravos, e mouros,
Rainha de Portugal.

« Ide vós porém chamal-os
Pera o rebanho christão;
Cazade-os vós muito embora,
Que bem dahy haverão:
Eu lhes darei corpo livre,
Deos Senhor a salvação. »

Siquer huma só palavra
Não tive n'aquelle ensejo,
Sustou-m'a já na garganta
Não sei que mesquinho pejo;
Por confessar meo pecado
Em vão trabalho e forcejo.

Vergonha foy o que eu tive,
Vergonha que todos têm;
Ultimo fructo colhido
N'aquelles jardins do Eden;
O Demo o tocou primeiro:
Todo o seo mal dahy vem!

Como está no fundo lago
O verde limo acamado,
Assi deitado e mimoso
Brilha lustre avelludado;
Tal é aquella vergonha,
Que vem apoz o pecado.

Mas remechei nas raizes
Do limo que é tão viçoso,
E vereis como se prendem
No fundo impuro e lodoso:
Aly com ellas se abraça
O feio verme asqueroso!

Aly mil serpes occultas
Vivem, cruzando laçadas,
Muitos sapos bufadores,
Muitas rãs esverdinhadas;
Humas coizas de má sina,
Outras coizas mal fadadas

He força fallar a moira!
Disse commigo, e assi
Andava curtas passadas
Por não chegar; ai de mi!
Tem termo toda a jornada,
Cheguei! porque não morri?

Já d'aquelles outros moiros,
Tão feros, não se me dava;
Mas de suor de maleitas
O corpo se me banhava,
Quando d'aquella menina
Mourisca, me recordava.

Lançado em covil de feras
Foy o sancto Daniel,
Fui eu no covil lançado
D'aquella gente infiel;
Era elle experto em tais lutas,
Eu em tais lutas novel.

Entrei no quarto da moira,
Leixando a mais gente vil,
Ardia doce perfume
Em transparente viril;
Sobre um bofete lavrado
Vi hum lavrado gomil.

Tinha o quarto huma só porta
Que hum reposteiro cobria,
E hum pano de seda verde
Sobre a estreita gelosia,
E mais hum denso tapete
Que o som dos passos comia.

Trazia a moira mimosa
Vestes de branco setim
Entreteladas parece
De coiza de bocachim,
E humas largas pantalonas
Respirando benjoim.

Trazia hum jubão mui justo
De seda azul anilado,
Com longas mangas perdidas,
De carmim todo forrado,
Como se fôra hum alfange,
Na cintura recurvado.

Coifa branca auri-bordada
A negra coma apertava;
Que doces anneis brincados
A negra coma formava,
Quando por vezes no collo
De neve — se debruçava!

Sob as largas pantalonas
Hum pesinho delicado
Sahia nusinho e bello,
Mimoso e branco e nevado;
Em chapins dos mais pequenos
Parecia andar folgado.

Em cada hum dos seos dedinhos
Trazia a moira hum annel;
Meio deitada, á desleixo
Tangia no arrabel;
Tangia-o com tanta graça,
Nem que fôra hum menestrel.

A lettra que ella cantava
Era de lingoa algemia;
Era qual trinar das aves
As notas em que gemia,
Saudades de longes terras
Em peregrina harmonia!

Era menina e formosa,
Nunca lhe vi sua igual!
Coiza assim tam primorosa
E tanto celestial,
Ou era filha dos anjos,
Ou filha do pay do mal.

Deos Senhor, entre luzeiros,
E o demo em sua cegueira,
Fazem quasi as mesmas coizas
Mas por diversa maneira;
O Demo como quem he,
Deos como luz verdadeira.

Pois este pôz a virtude
Entre afflicções dolorosas,
Qual frol de roza entre espinhos;
Em ledices enganosas
Poz o demo o seo peccado,
Qual feia serpe entre rozas.

Quanto o sol mais se abaixava,
Tanto mais alto gemia
Aquella moira mimosa,
Que as suas magoas carpia :
He hora que espalha enlevos
A hora do fim do dia !

O passaro então das ramas,
Louvor a nosso Senhor !
Ultimo vôo desprega
E hum doce grito de amor ;
Nas pennas esconde o bico,
Nem teme o visgo tredor.

As froles do sol viuvas,
Definhão, só de tristura ;
O mar soluçando geme,
Mais alto a fonte murmura,
Reina o silencio que falla,
Bafeja a doce frescura.

« Vistes vós meo bem amado,
(Dizia a filha d'Allah)
« Vistes vós meo bem amado,
« O meo senhor Mustaphá!
« Se o vistes, disei-me onde!
« Por alma vossa, onde está?

« A noite o leixou fexado
« Portas a dentro do harem:
« Sorvia aquelles perfumes
« Que lá d'Arabia nos vem,
« Trajava os reais vestidos
« Que lhe cahião tão bem.

« Já era sobre manhã
« Quando de mi se apartou;
« Seo negro corsel d' Arabia
« D'um pulo só cavalgou,
« E o sol que vinha raiando
« Lá na montanha o topou.

« Vio daly seos bons guerreiros,
« Em alas promptos estão;
« De fronte mal enxergava
« O troço do rey christão;
« Disse o crente musulmano;
« Allah m'os trouxe, meos são!

« Allah! lhes grita o guerreiro,
« Respondem-lhe os seos: Allah!
« Gritão Christãos: Sam Tiago!
« E o meo senhor Mustaphá
« Desceo então da montanha,
« Que nunca mais subirá.

« Desceo elle da montanha
« Qual rocha descommunal,
« D'agudo cimo tombando,
« Arrazando o pinheiral;
« Mas a rocha em fundo valle
« Faz-se pedaços, em mal!

" Desceo elle ao fundo valle,
" Como o tufão queimador;
" Polos christãos inimigos
" Cortou sem pena e sem dor;
" Raio d'esforço na guerra
" Foy Mustaphá, meo Senhor!

" Mas o vento do dezerto
" Depois de médas formar
" Das areias que agglomera,
" Onde he que vai acabar?
" Mafoma e Allah que m'o digão,
" Que eu não sei senão chorar!

" Allah quebrou teo orgulho,
" Meo bom senhor Mustaphá!
" Allah quebrou teo orgulho,
" Mas quando se acabará
" Vida que vives de escravo,
" Vida que levas tam má?

" Doces Huris do Propheta
" Lá do palacio de Allah!
" Olhavão cá pera baixo
" So pera ver Mustaphá!
" Guerreiro não foi como elle,
" Como elle ninguem será.

« De ser elle o meo amado,
« Ai que já fui bem feliz!
« De ser elle o meo amado
« Tinhão-me inveja as huris:
« Ora não ha quem m'inveje!
« Foy Allah que assim o quiz.

*

« Ora não ha quem m'inveje!
« Tenho no peito afflicção;
« Escrava sou d'hum escravo,
« Escravo d'hum vil christão!
« Mesquinha, que ainda o amo;
« Trago-o aqui no coração! »

Então pera junto della
Cheguei-me sem ser sentido;
Fallei-lhe em som cavernoso,
Medonho e baixo no ouvido:
¿ Por que assi amas o escravo ?
Disse eu, do meo mal vencido.

Foy certo o esprito malvado
Quem pera aly me arrastou,
Quem nos meos castos ouvidos
Palavras tais derramou,
Quem aos pés da moça moira
O velho padre curvou.

Era elle quem nos meos hombros
Pezava co'o pezo seo,
Quando a moira espavorida
Do vasto leito se ergueo:
Vendo-me aly de giolhos,
Baixou de medrosa o véo.

O véo baixou de corrida,
Mas antes seos olhos vi;
Aquelles olhos fermosos
Lavar-me o rosto senti,
Tocar-me no fundo d'alma,
Tirar-me todo de mi.

Luz que vi d'aquelles olhos,
Ora bem se me figura
A lua rasgando as trevas
Em meio de noite escura:
Vi Diana a caçadora
N'aquella hardida postura.

Mas a moira de repente
Hum grito franzino dá!
De mi se parte voando,
¿ Senhor Deos, o que será?
Volto prestes a cabeça...
Vejo o mouro Mustapha!

Em roda do seo pescoço
A moira os braços prendeo;
Arfa-lhe o peito açodado;
Pera traz roja o seo véo,
Off'rece o rosto mimoso
Aos beijos d'aquelle incréo!

Era assi qual amorosa
Hera que hum robre vingou;
Ligou-se estreita com elle,
Do tope se debruçou,
Folha metteo pelas folhas,
Vida com vida cazou.

« Gulnare, disse-lhe o moiro,
Gulnare, meo doce amor,
Melhor que a roza da Persia,
Que arabio incenso melhor,
Frol dos jardins do propheta,
Que dás mate a minha dor! »

Responde a moira mimosa:
« Dizes bem, meo Mustaphá;
O fogo chegou-se ao incenso,
O incenso effluvios dará;
O sol scintilla na roza,
A roza resurgirá. »

Abelha, tornou-lhe o moiro,
Que sussurras de agastada,
Herva, que as folhas constinges
De extranho corpo tocada;
Quem tocou na minha abelha,
Quem na herva delicada?

Ella então só de malquista
Deo-lhe d'olhos pera mi;
Sancto Jezus! em que apertos
N'aquelle ensejo me vi,
Prendia-me força occulta,
Foy porém que não fugi!

Trazia o moiro atrevido
Adaga no boldrié;
Deixar a moiros com armas,
Gente de baixa ralé,
Em que escravos de Princeza!
He certo extranha mercê.

A mão no punho da adaga,
A passo, vem sobre mi;
Trinca as pontas do bigode
Quais cerdas de javali;
A barba toda se erriça,
Que feio rosto lhe vi!

Os olhos que me lançou,
Jamais não vi seos iguais;
Devião ser puro fogo,
Senão faiscas fatais
D'aquelle sol do deserto,
Que abraza e funde areiais.

Negros olhos de panthera,
Luzindo em feia spelunca;
Olhos, que o gyro do sangue
Nas veias demora e trunca;
Olhos cheios de carniça
E della não fartos nunca.

A mi chegou-se, inquirindo,
" ¿ Que vieste aqui fazer ? ,,
Fiquei deslogo tremendo
Sem lhe poder responder:
" Senhor,... em nome do ceo !
Disse eu; que havia dizer ?

" Em nome das tres pessoas
" Da trindade em huma só,
" Eu vos rógo, senhor moiro,
" Que siquer tenhades dó
" Da alma vossa arriscada,
" Já não do corpo, que he pó. ,,

N'aquelle ensejo apertado
De sancto ardil me vali;
Lembrou-mo o exemplo sagrado
Da forte hebréa Judith!
Ser isso influxo divino
Sabendo fiquei daly.

Tornou-me o moiro descrido:
" ¿ E a mi que m'importa mais
" Que viver entre valentes
" Em gozos celestiais,
" Entre jardins prasenteiros,
" Entre fagueiros rosais?

" Tu me fallas dos teos Deoses!
" Ha outros sem ser Allah?
" Allah, que o vôo derige
" Do bemfasejo Kathá!
" Christão; dos teos falsos Deoses
" Bem pouco a mi se me dá.

" Digo-te eu, que elles não podem,
" Mais que digas que são trinos,
" Suster no ar do propheta
" Os sanctos restos divinos,
" Que a Meca chamão por anno
" Milhares de peregrinos. »

Ouvindo aquellas blasfemias
Senti arrojo dos céos;
Hia fallar, mas o moiro
Tornou-me: «Só Deos he Deos,
" E Mafoma o seo Propheta,
" Em que pèze isto aos increos!

" O que penso, sem resguardo
" Dirt'o-hei, christão, alfim;
" Não uza como vós outros,
" Mahometano Muezzin,
" Não vai á caza dos crentes,
" Não leva tenção ruim.

" Não rója, não, de giolhos
" Aos pés de christã donzella:
" Mas lá dentro da Mesquita
" Vive sempre e sempre vela,
" Ou do alto minarete
" Ás preces crentes appella.

" Portas á dentro do templo
" Imagem da crença pura:
" Do alto do minarete
" A imagem d'Allah figura,
" Bradando incessante e sempre
" Aos homens, daquella altura. »

" He assi entre vós outros,
" Tornei-lhe, que entre nós não.
" Queremos em cada peito
" Hum templo de devação,
" Em cada peito hum sacrario,
" Hum padre em cada christão. »

Sobresteve mudo e quedo,
E como que reflectia
O moiro, que me parece
A graça em si já sentia,
A graça que céo nos manda
Como orvalho em noite fria.

Mas não era inda chegado
Aquelle ensejo feliz,
Que passado curto prazo
Severo o moiro me diz:
" O que Deos faz he bem feito:
" Moiro nasci, não me fiz!

" Leixemos pois tal assumpto,
" Delle não quero tractar;
" Ou antes disei, bom Padre,
" Qu'ides carreira tomar,
" Adoptando novo ensino,
" Novo modo de pregar.

" Andai por essas estradas
" E disei á vossa gente:
" A vós que mal que vos hão feito
" Os homens lá do oriente,
" Que vos livrárão dos godos,
" E do servir inclemente?

" As vossas artes que tendes
" Cujo as havedes? — de quem?
" Donde vêm as vossas terras
" Campos de lavra que têm,
" E as torres acastelladas,
" E as mesquitas, donde vêm?

" Quem nos vossos negros montes
" As alcáçovas plantou,
" Como candido turbante,
" Que na fronte se enrolou
" De hum homem da côr da noite,
" Que a Nubia ardente engendrou?

" Ou s'isto melhor te praz:
" São obras de reys pujantes,
" Tendas ricas e pomposas
" No dorso dos elefantes;
" Cr'oas de pedra lavrada
" Na fronte d'altos gigantes. »

Estes mouros na verdade
Qu'esprito e graça que têm?
Quando vos dizem mentiras,
Sabem dize-las tambem,
Que havemos de perdoar-lhes,
E em cima querer-lhes bem.

Mas andão tanto enfrascados
No seo maldicto alkorão,
Que era de ser o primeiro
A soffrer condemnação
N'aquelle sancto concilio,
Honra do nome christão.

Se d'algo me peza a mi
Hé só polos não ver mais;
Fasião prompta justiça
Destes e d'outros que tais:
Ardião com seos authores
Em bons applausos gerais.

Se delles houvessse agora,
De que pró nos não seria?
Vive tal livro entre gabos,
Que aly do fogo arderia,
Com pasmo de seos authores,
Que os têm por coiza mui pia,

E d'outros que só por artes
Fruem da vaga que têm,
Que não sei onde he seu preço,
Nem donde apreço lhe vem,
Senão por vias occultas,
Que as não descobre ninguem!

Mas leixemos estas coisas,
Que não são de boa avença!
O livro que eu reprovára
Por muito justa sentença
Trouxera-me coyta grave,
Com mais grave malquerença.

Leixemos pois estas coisas;
Bem qu'eu não saiba fallar,
Senão com longos rodeios:
(Vem-me o sestro de pregar)
Quando me julgo no cabo,
Mais longe estou de acabar.

" Mouro, n'aquella batalha,
" Disse eu, ouvidos me dá.
" Quando o reyno teo perdeste,
" Não chamaste por Allah?
" Não te ouvio! — chama por Christo,
" E Christo, Deos, te ouvirá.

" Vás as terras da Moirama,
" Ou fiques em Portugal,
" Senhor serás do teo corpo,
" Vida terás natural:
" Vê se Gulnare formosa
" O teo propheta não val!

" A moira que não foy feita
" Pera servir a senhor,
" Que de bella e de mimosa,
" Parece que o mesmo amor
" O corpo tem de quebrar-lhe,
" E de apagar-lhe o candor.

" A moira, doce nascida,
" Doce creada; perol
" Que só sabe apavonar-se
" Da manhã polo arrebol,
" Não nos jardins destas partes,
" Mas onde mais queima o sol.

" A moira bella e mimosa!
" Avezinha pipitante,
" Qu'ama ar puro, espaço livre,
" E céo de cor deslumbrante,
" Que o vôo fugaz desprega,
" Quando o sol he mais brilhante!

" Ai! não guardes a avezinha
" Dentro de estreita prisão,
" Não mudes a frol mimosa,
" Que bem está no seo torrão:
" Vai ás terras da Mourama;
" Se queres hir, sê christão.»

Huma lagrima brilhante,
Como que a furto luzia
Nos olhos da moça moira,
Que o moço mouro cingia;
Em que nada lhe dicesse,
Muitas coisas lhe pedia

Em que algo não lhe escutasse,
O mouro bem compr'endia
Que mudas fallas fallava,
O pranto que ella vertia:
Saudades erão da Patria,
Que o mouro em sonhos só via.

¿ Como havia resistir-lhe,
Se ella pedia chorando,
Se o mal porque ella passava,
Tambem 'estava elle passando,
Se o bem, que lh'ella pedia,
Lhe estava dentro fallando?

Mas quando os vi abraçados
E aquelle amor entendi,
Do effeito das minhas vozes
Eu mesmo me arrependi;
Cravei as unhas no peito,
Pezar de morte senti.

Té cheguei a ter desejos
De ouvir-lhes hum não revel,
E que então a moça moira,
E mais o mouro Donzel
Parassem no fundo inferno,
Provassem, como eu, seo fel.

Mas n'hum coração sincero
Que poder que o pranto tem,
Quando no peito o sentimos,
Quando de huns olhos nos vem,
Que fôra morrer por elles
Prazer e mui grande bem!

Pedido tam gracioso
O mouro agreste rendeo;
De leixar o seo Mafoma
Logo desly prometteo,
Leixando a avença do demo,
E os ritos do culto seo!

Já me não sinto enleiado
Se o padre Adão manducou
Aquelle fructo do Eden;
Foy Eva quem lh'o offertou,
Eva, mulher e sozinha,
Aqu'elle primeiro amou.

Mas quem tem visto mulheres,
E tem a sua mulher,
Ceder-lhe do seo proposto
Por mero condescender!
Se não he coisa do demo,
Não sinto o que possa ser.

Mas fez mais a linda moira!
Que sem me fazer pedido,
Entendi que por amores
Não devia andar perdido;
Quando por outro era amada,
Por outro della querido.

Hum pobre frade coitado
Bem sabe que nada tem
Nesta vida mal passada,
Onde quitou todo o bem;
Ninguem que vele por elle,
Sobre quem vele—ninguem!

Curar da may enfermada
Bem pode o homem segral;
Ha sempre casta donzella,
Que se dôa do seo mal:
O frade só, despojado
Vive do fôro humanal.

Viverão aquelles mouros
Depois desta occasião,
Muitos annos bem logrados,
Em amor e devação;
Louvor ao sancto baptismo!
Louvor ao nome christão!

Mas quando foy que nos veio
Aquella peste primeira,
Seta que o alvo attingia
De bem talhada e certeira,
Chegou ao christão novato
Hora vital derradeira.

E a moira por este vento,
Cheia de muita afflicção,
Recolheo-se irmã noviça
No convento d'Azeitão,
Onde viveo muitos annos
Em aturada oração.

Madres d'aquelle convento
Dizem que a virão rezar,
Em extasis jubilosas
Suspensa, erguida no ar;
Favor do esposo divino,
Milagres do muito amar!

Ouvindo aquelles extremos,
Commigo logo assentei
Que eu fôra hum pastor perdido,
Que nas sombras divaguei,
Té qu'huma ovelha perdida,
Mercê de Deos, encontrei!

E a moira que eu tanto amára,
Desly se me figurou
Candida lã d'ovelhinha,
Que a sarça agreste cardou;
Ficou na sarça prendida,
Ao vento se meneou.

E alguem que aly divagava
Felpas da lã recolheo,
Bateo-as na fonte pura,
E em branca tella as teceo;
Depois no altar consagrado
Ao Senhor Deos off'receo.

A mão de Deos poderoso
Bem claro se vê então,
Quando o torpe ismaelita
Faz-se devoto christão:
Só elle hum bom diamante
Pode fazer do cravão.

Mudar o vicio em virtude,
E a fraqueza em valor,
E o calor em frescura,
E a frescura em calor,
E tudo assi por davante,
Só elle, que é Deos Senhor.

Louvor a Deos nas alturas!
E aos homens de bom talante
Na terra paz e ventura;
Paz e ventura constante,
Senão na vida que passa,
Na vida que sempre dura.

# LENDA DE SAM GONÇALO.

## LENDA DE SAM GONÇALO.

Agora de hum grande Sancto
Embora lhe cabe a vez;
Bom Sancto foy Sam Gnçalo,
Pezar que foy Portuguez,
Que sanctos ditos que disse!
Que sanctas obras que fez!

Bom tempo foy o d'outrora!
Não lhe quero outra resão:
Criava a terra gigantes,
Havia Sanctos então,
Havia paz e liança
Nos reys do reyno christao.

He coisa de maravilha
E de louvar o Senhor,
Ver na terra homens d'aquelles
De tanto esforço e valor,
Como Gonçalo da Maya
Ou Gyraldes sem pavor!

Mas destes tratar não quero,
Que são mui perto de nós;
D'outros digo tam pujantes
E de aspecto tam feroz,
Que hum santo martyr trincavão,
Como quem trinca huma noz.

Quando a fé'stava mais pura
Melhor se mostrava Deos;
Rézão disto as Escrituras,
Escuza pois ditos meos:
Começa do fim ditoso
Dos sete irmãos Machabeos.

Nada conta o livro sancto
Do rey que se ouve assi,
O corpo nos não descreve;
Mas eu tenho pera mi,
Que devia ser taludo,
Como huns cafres que já vi!

Que sete irmãos como aquelles,
Cada qual como hum Sansão,
Não he coisa que por brinco
Se frite n'hum cangirão,
Que se retalhe em fatias
Delgadas, como de pão.

Mas Deos que lhes deparava
Em sua alta providencia
Tal fereza nos algozes,
Dava-lhes tal paciencia,
Que havião em pouco o trato,
Havendo o trato em clemencia.

Hoje d'aquella virtude
Só a licção nos ficou;
O tempo nos foy comendo
O corpo, que assi leixou,
E té no esprito roido
De vez a fé desbotou.

Não pasmo disto, mas antes
De ver em povo d'increos,
Quem tema o fogo devino,
Quem torne a caza de Deos,
Quando o pasmoso cometa
Alarga as azas nos céos.

Cegos! se todos fosseis
Criados na escuridade,
Que farieis lobrigando
Deste sol a claridade,
Deste sol que sempre luze,
E pera vos luze embalde?

Como insectos esmagados,
Alastrando longe o chão,
Tontos de pasmo e de medo
Ficarieis vós então,
Os olhos do corpo cegos,
Mas dentro d'alma o clarão.

E ainda mais — ¿que farieis
Vendo aquelle sol divino,
Que cega os olhos do esprito,
Como de corpo franzino,
Se vendo este, qu'inda he terra,
Ficades tontos, sem tino?

Antes, Senhor, que me esqueça
Quanto fisestes por mi,
Lavai-me dos meos pecados,
Que eu como gallas verti,
Levai-me desta amargura,
Levai-me, Senhor, daqui!

Levai-me, si, que eu não veja,
Mal de mi! com tanta dor
Vossos preceitos divinos,
Vossa doutrina d'amor
Trocada em uzos de feros,
Na religião do terror!

Mas se isto vos não mereço,
Já vos não peço, senão
Que eu veja da minha vida
Extincto e cego o clarão,
Antes que eu veja maldicta
Esta mesma religião.

Antes que eu veja crianças
Pregarem ás cans nevadas,
A correr de noite as ruas
Com folias e toadas,
Por ver azas de cometa
Immensamente alongadas.

Cant'eu, de mi o confesso,
São veloces caminheiros,
Que por ordem lá de cima,
De más novas mensageiros,
Vão batendo d'astro em astro,
Como divinos romeyros.

Se comtudo hum Portuguez
Al dos cometas sentir,
Se esta desgraça presente
Nelles não vio reluzir,
Dir-lhe-hei que elle não sente
O dó de Alcacer-quibir.

Dir-lhe-hei··· mas nada digo!
Eu alquebrado ancião
Hei mister sancto descanço
Pera a minha devação:
Sei que ser Portuguez hoje
He crime d'alta treição.

Agora torno ao meo Sancto;
A lenda aqui principia:
Dai-me, ó Sancto milagroso,
Ajuda em tenção tam pia,
Que um Sancto, mesmo por ende,
Deve de usar cortezia.

Frei Sam Gonçalo era Abbade
De Sam Payo na Abbadia;
Era mancebo nos annos,
Mas como sancto vivia;
Com toda a renda que tinha
Aos pobres seos acudia.

Era pingue o beneficio,
Bons benesses que elle tinha!
Bons portuguezes antigos,
Boa prata comezinha!
Já disso não vejo ha muito....
Deve ser cegueira minha.

Cegueira, si; que se o reyno
Era rico de pobreza,
Cavados tantos thesoiros
Em cada huma fortaleza,
Tanto arcaz de feição moura
Cheios de tanta riqueza;

Por que então não vejo agora
Senão grosseiros ceitis,
E esses mesmos não tantos
Que se messão por candis,
Ou então pezos d'Hespanha,
Só bem acceitos por vis?

Mas he tal nossa mofina
Que na minha sacristia,
Sommados todos no cabo
Os fruitos de cada dia,
Não dão pera o oleo sancto,
Que a may de Deos alumia!

He certo miseria grande,
E muito grande extranheza,
Que o povo leixe que os frades
Corrão com toda a despeza,
Elle coitados que vivem
Em mais que parca extreiteza!

Mas Deos he o sancto dos sanctos,
Elle nos hade acudir;
Assi fôra eu Sam Gonçalo,
Que logo faria vir
Brocados d'altos recamos
Pera a Senhora vestir.

E huns paramentos ricos,
Como nunca os vio ninguem ;
E lampada como aquella
Que em Bemfica os Padres têm,
Huns casticais de pé alto,
Humas galhetas tambem.

Mas do Sancto Sam Gonçalo
Era outra a devação ;
Todolo próc dava aos pobres
Com tam largo coração,
Que não tomava um adarme
De quanto tinha na mão.

Vivia como se fôra
Dos seos pobres dispenseiro,
Tudo com elles gastava,
Que não somente dinheiro ;
Fiava que Deos iria
Compondo o seo mealheiro.

Trazia guerra travada
Co'o Demo, que o não deixava,
Os acicates da carne
Com jejuns os despontava ;
E tinha tam sancta vida,
Que Deos o communicava.

Isto não he coiza nova,
Antes coiza mui provada,
Que Deos não quer ser vencido
Em cortezia extremada;
Seja a prova aquelles Monges
Do dezerto da Thebaida;

Que se forão commettidos
Do inimigo malino,
Vestido em pel'd'alimaria,
Como de um urso ferino,
Tam bem do céo, como orvalho,
Lhes vinha o favor divino.

Mas se hum incréo me pergunta
Por que hoje disso não ha:
Pegunto: — por que o dezerto
Flores, nem fructos não dá?
Por que não corre a corrente,
Se a fonte exhaurida está?

O céo he sempre benino,
Agua não leixa de haver;
Se a terra pois não produze,
Se a fonte não quer correr,
He terra, he fonte damnada;
Penso que al não póde ser.

Ora huma noite que o Sancto
Rezava as suas matinas,
Ouvio huns doces acordes
Como das harpas divinas,
Que os anjos tamgem cantando
Louvor ás pessoas trinas.

D'aquelle mar d'harmonia
Voz que não era daqui,
Despega-se, e diz ao Sancto:
—Gonçalo, que fazes hy?
« Oro, Senhor, lhe responde,
« Por todos e mais por mi! »

« He muito, a voz lhe tornava,
He muito, mais tudo não;
Faze-te prestes romeyro,
Toma a vieira, o bordão,
Esmola polas estradas,
Caminho recto a Sião.

« Pascem no monte Oliveto
As cabras do Galaath ;
Retumba no templo augusto
A voz medonha de — Allah ; —
Ferve aly muita aravia,
Muito homizio vai lá.

« Se entre os máos hum bom existe,
Poupa Deos a quantos são ;
Porém carreira arrepia :
Caminho vai de Sião,
Na boca o nome divino,
Minguada esmola na mão. »

O bom sancto alvoroçado
Apresta-se com trigança :
Cumpre divino preceito,
Só nelle tem confiança,
Que vagar por longes terras
Prazer não he, mas provança.

He nada o trem d'hum romeyro ;
O Sancto se apresta azinha,
Chama hum parente lidimo,
Portas a dentro o mantinha ;
E entrega-lhe o seo rebanho
Com as ovelhas que tinha.

Dá-lhe a prebenda avultada,
E os mais benesses tambem,
Tudo com termos polidos,
Ou só de hum sancto, ou de quem
Só quer da vida o marteyro
E os premios que Deos lá tem.

E mui leal lhe encomenda
Seos pobres por derradeiro:
Ora lá vai caminhando
Aquelle sancto romeyro,
Pedindo a Deos em sua alma
Que lhe depare o marteyro!

Que acção que trescala a graça!
Que façanha peregrina!
Deixar o esposo prelado
A sua esposa divina,
E andar caminho da vida,
Vivendo vida mofina!

Á aquelles pobres, seos filhos,
Em vida seos bens legou!
Que mais fez aquelle Padre,
Que o livro sancto louvou,
Que ao filho dá bondadoso
De quanto, em bem, lhe ficou?

Quem ha hy que hoje se arrisque
A perfazer tal empreza ?
Aquelle ardor atrevido,
Aquella sancta affoiteza
Foy timbre d'homens antigos,
Homens de lhana rudeza.

Não hoje, que o homem nasce
Franzino e fraco, inda mal !
Sem forças pera s virtude ;
Só com valor infernal,
Pera as torpezas do crime
E pera o vicio carnal.

Não hoje, quando o pecado
Uza de tanto disfraz,
Que só por artes malinas
E manhas de Satanaz,
Póde o homem fazer tanto,
Como hoje em dia se faz !

Já vi em caza de hum rico
Tal meza com tal guizado,
Com cheiro tam penetrante
E adubo tam concertado....
Eu creio que só da vista
Ficava o jejum quebrado.

E vi tambem humas camas...
Dellas não quero tratar:
Cahi na conta que o Demo
Foy só quem n'as pôde armar;
Senti vertigens de somno,
Sem o poder dominar.

Fugi do engodo malino
Clamando por Deos Jezus,
Na boca o sancto exorcismo,
Na fronte o signal da cruz,
Braços crusados no peito,
Fronte mettida em capuz.

Então acabei commigo
De crer no que disse Deos
Ao bando dos seos descip'los
E a turba dos phariseos,
Não ser azado que hum rico
Possua o reyno dos ceos.

E entrando na minha cella,
Vista a penuria que eu vi:
Clamei que Deos fôra grande
E muito bom pera mi;
Qu'esta pobreza em que vivo,
Certo, lh'a não mereci.

Partira pois Sam Gonçalo,
Partira, mas não sem dor:
No seo amado rebanho
Leixando, em vez de pastor,
Aquelle falso parente,
Que foy hum lobo tredor.

Olhos outrora do falso
Baixados humildemente;
Ditos e fallas de sancto,
Meneyo e gesto consente,
Fizerão-no ter por sancto:
Julgava assi toda a gente.

Aleive não ha que dure,
Sem que se descubra alfim;
Logo de posse do bollo
Mostrou-se o villão ruim;
Mostrou-se, qual sempre fòra,
Padre não já, mais chatim.

Intruso que não rezava
Nem siquer seo breviairo;
Gastava dos bens dos pobres
Com boa sombra e doairo,
Pera si com mãos de rico,
Pera os outros — de usurairo.

Gastava em mulas possantes,
Em caça de altaneria,
Em ter matilha adextrada
E bem provida ucharia,
Em ter vestidos mui finos
Barrados de pedraria.

Trem real como elle tinha,
Por certo o não vio ninguem:
Cavallos de boa raça,
Falcões, açores tambem,
Criados e meza larga,
Como hoje aqui poucos têm!

Quando sahia a passeio
Todo garboso e lusido,
Ninguem diria ser Padre,
Senão du que esclarecido,
Ou senhor d'altos estados,
Ou infanção destemido.

Que o seo ginete mandava
Com tal arte e bizarria,
Que ao passar no povoado
Donas de muita valia,
Lindos olhos concertavão
Nas grades da gelozia.

E muitas vezes passando
Junto á mourisca seteira,
Morrer aos pés do ginete
Vinha a seta mui certeira,
Com letra e primor de amores,
De amores máos mensageira.

Assi vivia este abbade,
Em quanto que o verdadeiro,
Sem lar, sem tecto, sem meza,
Como pobre forasteiro,
Vagava por longes terras,
Vivendo como hum romeyro.

Muitos annos são passados,
(Diz catorze a tradicção)
Quando o divino romeyro,
Feita a sua devação,
Torna do bento sepulcro,
Gasto e quebrado ancião.

Alva e rara cabelleira,
Coma prata, reluzia,
Rosto de rugas cortado,
Barba que ao peito descia:
Homem de carne não era,
Senão pura notomia.

Dos annos e da molestia
O corpo todo alquebrado,
Nos trajes pouco luzido,
Ou roto ou mal concertado;
A' porta do novo abbade
Batia o velho prelado.

Ergueo em voz já sumida
Hum triste e piedoso brado,
Pedindo magra pitança
Com modesto gazalhado,
Que vem o pobre romeyro
Morto de fome e cançado.

A'quelle pio reclamo
Acode medonho cão,
A cauda enrosca, e d'hum salto
Investe ao sancto ancião;
Rompe-lhe os rotos andrajos,
E arranca-lhe o seo bordão.

Acode o dono soberbo
Disendo: Vai-te mendigo!
« Senhor, retrucava o Sancto,
« Primeiro ouvide o que digo:
« Morro de fome e cansaço,
Não tenho lar, nem abrigo!»

— Não me praz ouvir-te agora,
Tornava o abbade indino,
Mais que depressa esquecido
Que a opa do perigrino
Ou que a murça do romeyro
Esconde hum ente divino.

— Sei, dizia, que na capa
De piedoso romeyro,
Vem gente de feio trato
E muito vil calaçeiro:
Bem he de crer, como eu creio,
Que és delles — por derradeiro.

— Desse teo rosto medonho,
Que boas novas não traz,
Digo que o vi nos milhanos
Das serras de Monsarraz;
E's predador das estradas:
Juro por Sam Satanaz! —

Ouvido que foy tal nome,
Como de sancto christão,
Ao sancto abbade romeyro
Cahio-lhe o rosto no chão!
Dor que lh'entrara no peito,
Ficou-lhe no coração.

Que se elle era assi tratado,
Elle, vigairo e senhor,
Que não seria dos pobres,
Que em vez de terem pastor,
Tinhão por guarda e vigia
Faminto lobo tredor.

O sancto ficou penado
E cheio da contricção,
Que ao seo parente talvez
Foy meio de perdição,
E ao seo rebanho de magoa,
E a si de muita afflicção.

Alfim tornado do espanto,
Disse severo de si,
Com voz e tom d'agastado:
« Gonçalo sou, eis-me aqui!
« Venho ora tomar-vos contas
« Do que fisestes por mi!»

As frias mãos escarnadas
No seo bordão ajuntou:
Espera resposta delle,
Rosto nas mãos inclinou:
Prosegue; fundo suspiro
Do peito o velho arrancou.

« Certo que as vossas palavras
« Mal dizem com o que dissestes,
« Quando de vós me apartei;
« Co'o que vos me promettestes,
« Co'as licções que vos eu dei,
« Com a fé que me vós déstes!

« Dissestes : na tua ausencia,
« ( Disseste-lo em hora má )
« Qual quer das tuas ovelhas
« Em mi abrigo achará ;
« Qual quer dos pobres que leixas
« Aqui mantido será.

« Ora eis-me aqui!... e a mim proprio
« Negas hum pouco de pão,
« Que só he de ser negado
« Ou a precito ou a cão ;
« Negas-me té gazalhado,
« E o fogo do meo fogão!

« Levar daqui! sou Gonçalo ;
« Dá-me pois o meu logar,
« Dá-me as ovelhas coitadas,
« Que eu não devera leixar,
« Dá-me...» — Não pôde o Sancto,
Não pôde, não, rematar !

Sobre a fronte, calva e núa
Vio descer grave pancada ;
A testa de romania
Ficou em sangue lavada ;
Aquelle sangue bemdito
Regou a terra damnada.

Certo que os anjos no inferno
Sentirão muito prazer,
Vendo aquelle máo prelado
Acção tam vil commetter,
E Sancto tal affrontado,
Sem Deos lhe poder valer.

Mas o Sancto milagroso
Que pôde tornar do pão,
Já não digo azima feia,
Senão massa de cravão
Triste, negro e inficionado,
Que nem era pera cão;

Que moveo rochedo enorme
Junto á ponte d'Amarante,
Chegando-lhe hum dedo apenas,
Como se fôra gigante;
Rocha que esforços baldára
De muita gente possante:

Que fez elle?... oh! nada fez!
Disse: « Deos o quer assi;
Sou eu creatura sua,
Bem he que elle mande em mi;
Não seja feito o que eu quero,
Mas o seo talante—si.

« E' vossa a força que eu tenho,
Disse elle: em uzo o não puz,
Que tambem sobre o calvario,
Vós, Senhor meo, bom Jezus,
Nem o calvario afundastes,
Nem sovertestes a cruz.

« Porque se eu, filho do barro,
Ser mesquinho, ou verme, ou nada,
Tenho em mi força divina
He pera ser empregada
No que he mister, porque seja
A gloria vossa exaltada. »

Assi discorria o Sancto
No seo profundo juizo;
Ora descança no meio
Das glorias do paraizo:
Louvor a Deos!—e com isto
A lenda aqui finalizo.

Conto as coizas como forão,
Não como devião ser;
Hum Sancto, mesmo porende,
Merece menos soffrer:
Julgo assi: Digão-n'os sabios
Qual he o seo parecer.

Cant'eu—sabença da terra
Tenho por coiza ruim,
Que serve só pera gloria,
Que he só vangloria; e assi
Que como he coisa de orgulho,
No fundo inferno tem fim!

O homem que for prudente
Só pelos frades se reja;
Creia no Papa e nas Bullas,
E na sancta Madre Igreja:
O mais he coiza de fumo,
Não sei de quem valor seja.

Que reze o sancto rozairo,
Dou de conselho tambem ;
Que assi viverá na gloria,
E vive-se lá mui bem,
Cantando hozannas eternos
Por tempos sem fim : *amen.*

# SOLA'O

## DO SENHOR REY DOM JOÃO.

## SOLA'O

### DO SENHOR REY DOM JOÃO.

Ora pois direi hum feito
Do senhor rey Dom João,
Segundo que foy do nome,
Primeiro na devação,
Primeiro mais que o primeiro,
Mais que nenhum rey christão.

Nem sempre rezar no côro,
Nem sempre velar convem;
He mister algum descanço,
Alguma folga tambem,
Entre o labor ja passado
E o novo, que perto vem.

Ao duro mal que passamos
Algum remedio he mister:
E se a nenhum conhecemos,
Que mais nos hade valer
Que recordar o passado
E contos delle fazer?

He assi que no mar alto
O cançado mareante
Luta emvão contra a tormenta
E contra o vento inconstante;
Negras vagas se encapellão,
Negra morte tem diante.

Quando n'aquelle deserto
Languidos olhos estende,
Vê mar que ferve revolto
E chuva que do céo pende:
Como deixou seu alvergue,
O triste não comprehende!

Sembrão-lhe então formidaveis
Os p'rigos que elle affrontou;
Figura risonhos quadros
Dos gosos que ja gozou,
Do que na terra o convida,
Dos que na terra deixou.

Do que outrora foy passado
E mais do que vai passando,
Medonho e máo parallelo
Vai o mesquinho traçando ;
Dor de espinhos penetrantes
O peito lhe está cravando

Dias lembrar já passados
E já passada ventura,
Quando o viver he tormento,
Tormento que sempre dura,
He certo desdita grande
E muito grande amargura.

Mas vede o que val a vida!
He aquella aventurada,
Se disemos verdadeiros:
Foy hum dia, huma hora, hum nada,
Não do pezar combatida,
Mas do prazer bafejada.

Simelha quem pola calma
Hum dia inteiro vagou,
Depois no marco da estrada
Cançado e triste quedou ;
Aly thesouro sem dono,
Ventura sua, encontrou.

Era na sancta semana,
Semana de devação!
Com jejuns e penitencias
Apresta-se o bom christão
Pera os mysterios mais altos
Da mais alta religião.

Quantas coizas que nos fallão
N'aquelle passo sagrado
D'aquelle homem divino
D'aquelle Deos humanado,
Que por amor de seos filhos,
Ingratos, foy maltratado!

Não foy por odio ou vingança,
Mas por dinheiro trahido!
Por hum homem refalsado.
Por hum descip'lo querido;
Trahido por meio infame!...
Hum falso beijo vendido!

Foy mister por mór tormento,
Que morresse polos seos!
Entregue por hum eleito
Nas garras dos Fariseos,
Homem morreo polos homens,
Morreo judeo por judeos.

C'roou a fronte sagrada
C'roa d'espinhos tecida,
Correrão dados infames
Em taboa vil, denegrida;
Em hastea foy rematada
Tunica em sangue tingida.

Tormentos, baldões e mófa
Quem mais do qu'elle soffreo?
Quem mais comprido marteyro,
Quem mais affronta e labéo?
Tal foy que o homem divino
O rosto ao calix torceo.

Tal foy que o Deos humanado
Disse ao Deos que era seu pay:
« Senhor Deos, s'inda he possivel,
Do vosso intento tornai;
Este calix de amargura
Dos labios meos affastai!»

Carpindo males alheios,
Quantos não vemos per hy,
Que nem siquer se recordão
De quanto soffreo por si,
Hum Deos na cruz affixado,
Mil dores soffrendo aly!

Ante esta victima augusta
Dà mais feroz crueldade,
Cala quanto o homem soffre,
Quanto soffre a humanidade:
Tormento não foy como elle,
Não foy como ella impiedade.

E comtudo alguns increos
E refalsados atheos,
Guardão n'as extasis todas
E mais os transportes seos,
Pera Socrates qne morre,
Que não pola dor de hum Deos!

E não vê a cega gente,
Imiga de toda luz,
Que longe que vai do Grego
Ao Nazareno Jezus,
E da masmorra ao calvario,
E da cicuta a huma cruz!

E aos effeitos da morte
Não attenderão tambem:
Se emparelhamos ideas
A's coizas que corpo tem;
Entre elles vai mór distancia,
Que vai da Grecia á Belem.

Morre o Grego, e não dá fruitos;
Morre Jezus por nos dar
A ley do céo pera a terra;
Ley que só pôde lavrar
O sangue do bom cordeiro
Dos falsos Deoses no altar.

Vivem algozes d'aquelle,
E huns homens apenas são;
Em quanto os algozes deste,
Em que povo de eleição,
Sumirão-se, como argueiro
Nas azas d'hum furacão.

Era na sancta semana,
Semana de devação:
Comsigo mesmo propunha
O senhor rey Dom João;
« Confessarei minhas culpas,
Que alem de rey, sou christão.

« Ao Senhor, pay de nós todos,
Meos erros confessarei;
Que me dê força indomavel
Pera guardar minha ley,
Pera punir os culpados,
Que alem de christão, sou rey.»

Azinha chamando hum pagem
Lhe diz, e lhe ordena assi:
« Hide aos Padres Dominicos
(Melhor lhes quero que a mi)
Dir-lhes-heis que sou lá prestes,
Que vou commungar aly. »

Veio logo o mensageiro
Com a mensagem real;
Reccado qu'el-rey lhe dera,
Dá elle ao Provincial.
« Hé certo mercê mui grande,
Responde, — tenho-a por tal. »

Ao padre Thomaz da Costa
Chama n'huma Ave-Maria;
Sabia o bom do Prelado
O muito qu'el-rey lhe qu'ria:
De tam lisongeiro acerto
Comsigo mesmo sorria.

Demais que o bom do Prelado
Dizia com bem justeza:
« Prazer aos reis cá da terra
Não he nem huma vileza;
Praz a Deos que lhes prazamos,
Pois vem delle a realeza. »

Apresta-se com trigança
Tudo quanto era mister:
Sabia o Padre Thomaz
Encargos do seo dever;
« Vergar colossos, dizia,
Quem tem posses de o poder?

« Sob as mãos do jardineiro
Torto arbusto lá se ageita ;
Mas onde existe essa força
Que hum rudo tronco sugeita,
Se a força he balda no tronco,
Se o tronco a força regeita ?

« Em bem do pastor sagrado,
Que por mercê divinal
Vive no ermo escondido,
Como hum singelo zagal ;
Cura pastor de pastores,
Não de pessoa real.

« He facil o seo encargo,
Pejo, nem dor lhe não traz ;
Não he assi nos palacios,
Onde só vejo disfraz:
Vêm logo as resões de estado,
Inventos de Satanaz.

« Vêm logo as leys cá da terra-
Contrapor-se ás leys dos céos :
Sêde christãos, reys senhores,
Ou então de todo incréos !
Leys dos homens não se cazão,
Não seguem ás leys de Deos.

« Não ligueis n'hum só consorcio
Terra feia e céo luzente :
Leys da terra a terra buscão,
Como a raiz da semente ;
Leys do céo os céos procurão,
Como flor que o sol presente. »

Era aly na pedra raza
O senhor rey Dom João;
Ante o velho sacerdote
Fazia a sua oração,
As mãos em cruz sobre o peito,
Giolhos postos no chão.

Armas que sempre cingia,
Todalas tinha despido;
Não tinha sedas, nem joias,
Mas peito d'aço batido:
Era qual homem vivente
Em ferrea prizão mettido.

Curva-se hum rey poderoso
Perante hum homem de pé;
Perante hum Padre coitado,
Que nada tem, nada he:
Licção profunda e subida,
Preceitos da nossa fé!

Portas á dentro do templo,
Onde Deos eterno habita,
Onde aquelle amor sem zelos
Somente os peitos agita,
Nas differenças do mundo
Fiel christão não cogita.

Foy assi na antiga Roma
Polas festas saturnais,
Folgavão, senhor e servo,
Como se forão iguais;
Mas o que lá foy licença,
Aqui são leys divinais.

Aqui são todos curvados,
Todos — o servo, o senhor;
Aquelles que a vida fruem,
E aquelles que só tem dor;
Pobres que almejão a morte,
Ricos que á morte hão pavor.

Nem he por vil comezaina,
Que aly reunidos estão;
Mas sim, por que a Deos importa
Que não haja distincção
Entre irmãos, no patrio abrigo,
Rezando a mesma oração.

Sóbe assi aquella prece
Da multidão apinhada,
Qual lisongeiro perfume
Das flores d'huma grinalda;
Tem huma odor, outra espinhos
Outras tem côr, outras nada.

Era aly na pedra raza
O senhor rey Dom João;
Já disse o — *ego peccator* —
Ja fez a sua oração:
O Padre vai ministrar-lhe
A hostia da communhão.

Tem no rosto grave e serio
Expressão nobre e subida;
Maneiras cheias de brio
Em postura commedida,
Parece que vão mostrando
Quanto val o pão da vida.

Parece que mostra, quanto
Por vil e baixo se tem,
Merecendo honra tamanha,
Que a não merece ninguem;
Dahy lhe vem ser humilde,
Nobreza dahy lhe vem.

Perfez-se o rito sagrado,
Vai ser dado o sacramento;
Principia el-rey — *confiteor*, —
Quando n'aquelle momento
Surge ao pé delle um guerreiro
De marcial hardimento.

Tinha feroz catadura,
Só aço e ferro vestia;
Polas grades da vizeira
Raios de luz despedia:
Medonho e fero apparato
Nas sombras da sacristia.

Era o rey brioso e forte,
Homem de muito valor,
Mas olhos lançou á espada
A furto!... seja o que for,
Não creio que homens d'aquelles
Possão jamais ter pavor.

Em voz carregada e forte
Assi começa o guerreiro:
« Em nome do Senhor Deos,
Meo Padre, aqui vos requeiro;
O senhor rey não communguе,,
Pois que não he justiceiro.»

A hostia das mãos do Padre
Cahio do calix no fundo;
O rey carrega o sobr'olho...
Certo não era jocundo
Affrontar de rosto a rosto
As sanhas de João segundo.

Era então fresca a memoria
De hum cazo máo, miserando:
De noite se ergueo a forca;
Mas quando o sol foy raiando,
Não vio ninguem mais a forca,
Nem mais ao duque Fernando!

Comtudo o bravo guerreiro
Sanhas do rey não quiz ver;
Não ha que lhe ponha embargos,
Nem que lhe possa empecer:
« Senhor, sou Padre Tavares! »
Fita-o el-rey sem querer.

Depois lhe diz (que tal nome
Quebrára a furia real)
« Em bem, meo bravo guerreiro!
Mas esse trem de que val?
Somos em terras d'Hespanha,
Ou somos em Portugal? »

—« Senhor, não uzo brocados:
Vedes-me assi, e he resão,
Que havedes os meos haveres
Sem me leixardes, senão
Armas comidas no peito,
Armas gastadas na mão.

—« Fui ter ao vosso palacio,
Ninguem me não conheceo;
Quantos aly são comvosco,
Eu vos direi, senhor meo:
Nunca os eu vi nos combates,
Nunca na guerra os vi eu!

—« Voltei d'aly, protestando
Jamais não voltar aly;
Conheceis as minhas armas,
Se não conheceis a mi;
Vesti-me a modo de guerra,
Vim ter comvosco, —eis-me aqui!

—« As minhas alcaydarias
De Port'alegre e Assumar,
Senhor rey, vós m'as tirastes,
O que se chama tirar;
Ficavão perto da raya,
Máo azo de guerrear.

— « Das minhas alcaydarias
Eu tinha as rendas reais;
As guerras ja são passadas,
Porque ora m'as não tornais?
Mal cabe em reys a cubiça,
Senhor, se m'as cubiçais.

— « Nem porque o velho guerreiro
Já nada vos presta e val,
Vos deveis portar com elle,
Qual dono pouco leal,
Que o seo corsel de batalha
Despreza no almargeal.

— « Assi que, Senhor, vos digo
Que vos não peço mercê;
Aquillo que me he devido,
Só peço que se me dê! — »
Prouve ao rey aquelles ditos
E mais o geito que vê.

Depois a mão estendendo
Ao seo leal lidador:
« Nós vos faremos justiça,
Assi como justo for;
Tendes a nossa palavra,
Seja-vos ella penhor! »

Alegre o Padre Thomaz
O seo mister rematou;
Hostia tomada do calix
Aos labios do rey chegou,
El-rey d'hum copo doirado
Hum gole d'agoa tomou.

Mimoso tempo d'outrora
Qual nunca mais o verei,
Nem tam inteiros sugeitos,
Hum ao outro dando a ley:
No Paço o rey as vassallo,
Na Igreja o vassallo ao rey!

# SOLA'O

## DE GONÇALO HERMIGUEZ.

## SOLA'O

### DE GONÇALO HERMIGUEZ.

Não he mais aquelle tempo
Em que era tudo lhaneza!
Acções e vida e costumes
Desta gente portugueza,
Por tal geito se trocárão,
Que he hoje tudo impureza.

Não trato d'este ou d'aquelle,
Pois ha em tudo excições;
Mas trato da grande lépra
Que vejo hy nos corações:
Desprêso do amor da gloria
E apêgo ás ruins tenções.

Outrora, sabeis vós como
Garboso Donzel se havia
Por captar nobres extremos
Da moça que requeria,
Sempre grave, honesto e brando,
Sempre uzando cortezia?

Não trescalava pivetes,
Fitas, nem laços comprava,
Nem toda a manhã divina
Seos enfeites concertava,
Nem nos chapins se revia,
Nem nos cabellos primava.

Não corria seca e meca
Traz de mimosa donzella,
Que nas ruas lobrigava;
E por ver mais perto a bella
Não hia ao templo sagrado,
Somente por amor della.

Nem as noites janeirinhas
Mais compridas e mais frias,
Levava mofino amante,
Por baixo das gelozias,
Desenfiando hum rosairo
De trovas e ninherias.

Jamais não foy esse o estilo
Do moço em armas novel,
Em que experto dedilhasse
Na lyra do menestrel,
No tempo em que, não domada,
Lutava a gente infiel.

Por mais que amores amasse,
Por mais que fosse gentil,
Ninguem n'o vira a deshoras,
Como homem de tenção vil,
Como hum ladrão que de medo
Vai passo e manso e subtil.

Não pedia manto ás sombras,
Nem ao silencio mercê,
Nem do sol se arreceiava,
Como homem que pouco vê,
Nem da lua appellidada
A casta, não sei porque.

Mas antes no amphitheatro,
Coberto de espectadores,
Onde mais povo corria,
Mais bellas e justadores
Na arena se apresentava
Com letra e tensões d'amores.

No meio d'aquella chusma
D'arautos e passavantes,
Mantenedores do campo
Reys d'armas e circunstantes,
Feixes d'armas resplendentes,
Ondas de plumas brilhantes:

Entrava o novel guerreiro
No cerco dos justadores!
De alguma dona sizuda
Na charpa trazia as cores;
Tinhão amores ás claras,
Por que erão nobres amores.

Silencio! que soa a trompa,
A justa vai começar!
Entre si ferem mil lutas
Guerreiros a par e par:
Da lança feita pedaços
Voão estilhas ao ar.

Levão logo mão da espada;
Que feios golpes se dão!
Abolão-se capacetes,
Talhão-se arnezes; e a mão
Certeira ao travez da malha
Vai direita ao coração.

La sôa de novo a trompa,
Proclama-se o vencedor,
Que aos pés da bella entre as bellas
O seo tropheo vem depor:
Ao mais valente a mais bella,
Ao mais gentil mais amor.

Era a ley,—e até parece
De acordo co'a natureza,
Que se compraz no consorcio
Da força co'a gentileza;
Mais alma com mais coragem,
Mais brio com mais nobreza.

A abelha construe seos favos
Em troncos alevantados;
E eis a hera graciosa,
Que em abraços apertados
Não cinge mesquinho junco,
Mas carvalhos alentados.

Boa era a ley! — mas eu creio
Que lhe descubro hum senão;
Quem nos diz que o mais valente
Deva de ter mais rezão,
Porque seja a sua dona
Como hum vaso d'eleição?

Seria coiza de ver-se,
E coiza de mui folgar,
Ver hum dragão de mulher,
Chamada a bella sem par,
A' pura força de espada,
Sem mais pôr, nem mais tirar!

He bella: e al não digais
Sob pena d'hum fendente,
Que vem do céo, como hum raio,
Provar ao villão que mente,
Co'os dentes que tem na boca,
Como hum perro maldizente!

Fosse o caso como fosse;
He certo que d'ahy vem
A's nossas donas de agora,
Aquelle sextro que têm
De amarem a militança
Melhor do que a nemhum bem.

Qual não gosta de ser bella,
Ao menos de o parecer?
Em quanto muitas... Meo Deos
Eu me sei compadecer,
Soffro o mal que os outros passão,
Mais talvez que o meo soffrer.

Muitas ha hy, que eu conheço,
Que aqui na terra não são,
Senão porque as vós mandastes,
Meo Deos, por occasião
De tedio e nojo ao pecado,
E morte da tentação.

Té os moços, que as namorão,
Diráõ no confessional,
Jurando por Deos eterno
E pola vida eternal,
Que se fallão delle e della,
He puro aleive e não al.

Vede pois qual não seria
O pasmo dessa donzella,
Proclamada ao meio dia
Fermosa como huma estrella,
Sem que houvesse ahy no mundo
Coiza melhor, nem mais bella!

Logo no fraco bestunto
Julgára, sem mais rezão,
Que n'este mundo mesquinho
He tudo engano e buzão,
E té que a propria belleza
He coiza de convenção!

Era assi que n'outras eras
Garboso donzel se havia
Por captar nobres extremos
Da moça que requeria,
Á ponta de fina espada
E arrojos de valentia.

No tempo de Aphonso Henriques,
Que foy nosso rey primeiro
Havia na sua côrte,
Côrte de rey mui fragueiro,
Hum tal Gonçalo Hermiguez,
Destemido cavalleiro.

Era moço e mui donoso,
De mui boa nomeada:
Fiava el-rey muito delle,
E a raynha Mafalda
Folgava de ouvir-lhe os cantos
Aos sons da lyra afinada.

Portas a dentro do Paço
Não tinha nemhum rival
Em compor trovas mimosas;
E no campo e no arrayal
Não n'o havia mais valente,
Mais forte, nem mais leal.

Quanta sanha que elle tinha,
Votára á gente infiel,
Porque o pay lhe havião morto,
Era elle ainda novel;
Vel-os porém não podia,
Nem pintados no papel.

Era o mesmo ver a hum destes
E entrar logo em sanha tal,
Que era força ter mão d'elle,
Ou saltava-lhe ao gorjal
Pera torcer-lhe o gasnate,
Como se fôra hum pardal.

Mas se tinhão tento n'elle,
Era outro conto ruim!
Cahia logo em desmaios,
Que era hum desmaio sem fim!
Dó era ver tal sugeito
Prostrado e defuncto assi.

Andava sempre occupado
Em perpetua correria
Polas terras do mourisco,
E muito mal lhes fazia;
Dava porém mór realce
Ao nome que já trazia.

Sendo elle e os companheiros
Em hum saráo folgazão,
Lembrou-se que perto vinha
A noite de Sam João,
Azado ensejo de aos Moiros
Fazer-se affronta e lezão.

Cheia de bello hardimento,
Aquella nobre nobreza
Por amor de seos amores
Commette tam grande empreza,
Qual a de hir terras de Mouros
Com feros, ronco e braveza.

Qual apresta o seo ginete,
Qual a fita dependura
No collo nunca domado,
Qual a pesada armadura
Inverga, e ahy se recolhe,
Como em arce mui segura!

Qual a Deos por testemunha
Toma da sua tenção,
Qual aos pés da sua dona
Requer-lhe extremo condão,
Extremo volver dos olhos,
Extremo apertar da mão!

Qual desly toma algum nome
Por grito de accommetter,
Que nas lidas e pelejas
Saberá fazer valer!
Qual sente o nojo futuro,
Em mal, que lá vai morrer!

Mas nunca será que o rosto
Mostre o que n'alma lhe mora:
Quem vio a morte passar-lhe
De perto, já não descora
Por hum presagio funesto,
Sendo elle coiza d'huma hora.

Aquelles bons cavalleiros
Azinha promptos estão;
Lá se partem de Coimbra,
Montes alem já la vão!
Ninguem vio mais escolhido,
Nem mais lusido esquadrão.

Entre elles por mais robusto
Gonçalo Hermiguez campeia;
Diz seo porte sublimado,
Que de nada se arreceia,
Mas antes que a todos repta,
De tanto que o collo alteia!

Caminho vão de Lisboa
Com todo apercebimento!
Não convem que se aprecatem
D'aquelle accommettimento
Mouros que vivem na regra
Do seo alkorão nojento!

Sabeis a regra qual seja?
He viver dentro do harem,
Dizendo mal do toicinho
E mais do vinho tambem,
Sem que lhe pêze este mundo,
Sem que lhe pêze ninguem!

He vegetar entre flores,
He viver vida folgada,
Aspirando incenso e odores
Em molleza effeminada,
Nem que fosse huma odalisca,
Ou mulher alambicada.

Pozerão todos a mira
Em Alcacere do Sal,
Covil de feras humanas,
Não de cordeiros curral;
Nó gordio do vil mourisco,
O ferro o corta, não al!

Os que por terra a demandão
Vão em procura d'Almada,
Alcaçova dura e forte,
Em rija pedra assentada,
Como pedra preciosa
Em ferrea c'roa engastada.

Outros lá vão Tejo arriba!
O' Tejo, quanto me he grata
Essa placida corrente,
Quando a lua se retrata,
Chovendo chuva de raios
No teo chão de lisa prata!

Que doce que he teo remanso,
Quando manso o vento gyra,
Que nas folhas rumoreja,
E como que aly suspira
Melindres d'amor suave,
Que nem tangidos na lyra!

Que arroubos que enfiltras n'alma,
Quando vai ao som das agoas
Navegando o passageiro;
Já, se as tem, não sente as fragoas,
Que no peito a dor derrama,
Como huma enchente de magoas!

Mas talvez dos cavos olhos
Polas faces a correr
Sinta o pranto represado
Polo seo muito soffrer:
Corra embora, qu'esse pranto
Dor não he, senão prazer!

Que neste val'de amarguras,
Onde viemos penar,
Por cada dia hum marteyro
Por cada instante hum pezar,
He bem feliz quem só passa
Dores que fazem chorar!

Não sei ledice o que seja,
Nem o que seja prazer;
Nunca os senti n'esta vida,
Nem n'os posso conhecer;
Que não sou dos bemfadados,
E nunca o não heide ser!

Mas o pranto extravasado
Não he quem nos dá morrer,
Nem quem o viço dos annos
Faz secar e emmurchecer;
He antes aquelle pranto
Que não sabemos verter!

Lá vão hindo Tejo acima,
Olhos longos polo mar,
Lá onde enchergão Lisboa
Com fogueiras de espantar;
Fogo accendido na terra
Sobe em sentelhas ao ar!

D'aquelles fogos accesos
Em roda os velhos estão,
E as donzellas feiticeiras
Com sorriso folgazão,
Cantando coytas de amores,
Quites de coytas então.

He a noite milagrosa
Do Bautista milagroso,
Té dos mouros da mourama
Havido por glorioso:
Folgão nobres e senhores,
Folga o villão descuidoso.

Horas de noite folgada
Não tardão, não têm vagar:
A noite assi do Bautista
Vai serena a escorregar,
Como areia da ampulheta,
Hum grão e outro a tombar!

Vai assi como o perfume
Respirado d'uma frol,
Que não vemos, mas sentimos;
Que sentimos no arrebol
Da manhã, que pola terra
Se espalha em antes do sol!

Vai assi como o rocio
De serena madrugada,
Rorejado gota a gota
De branca nuvem prenhada
Sobre o calice musgoso
De huma flor avelludada.

Vai assi, qual sóe prender-se,
Em quem de amores não cura,
Doce peçonha de amores:
Donzella de vida pura,
Quando ha temores de havel-o,
He qu'elle ja não tem cura.

Do Alcacer' as lindas filhas,
Já era nascida a aurora,
Pera ver uma corrida
Sahirão portas a fóra,
E mais pera colher flores,
Persuadidas da hora.

Logo sahidas no prado
Forão, qual sohem de ser
Mansas agoas d'hum regato
Em chão sem leito a correr,
Cada qual por seo caminho
Cada qual a seo prazer!

Desly pulando e cantando
Vão nas matas de alecrim,
Colhem a rosa corada
E a branca flor do jasmim;
Brincão brinquedos contentes,
Folgão folguedos sem fim!

Oh ! que festas ! que alegrias !
Que arruido vai no prado !
Que bem cantando rimance,
Que soláo tãobem cantado !
Não têm as aves atito,
Nem gorgeio mais brincado !

Oh ! que vozes melindrosas,
Que accentos encantadores
N'aquelle prazer d'huma hora !
As moças vão colher flores,
E os moços que vão com ellas
Vão lá por colher amores.

Eis nisto... extranho arruido !
Rouca trompa abala o ar ;
Logo assomão cavalleiros
Com figuras de espantar :
Allah nos valha, mofinas !
Dizem moiras a chorar.

Allah ! repetem n'os Mouros,
Vendo o pendão portuguez ;
E do alfange recurvado
Levão mão sem pavidez !
Feios golpes se preparão,
Outra folgança outra vez !

Retine o ferro no ferro,
Talhão-se cotas e arnezes;
O fino alfange mourisco
Abre o elmo aos portuguezes;
E a espada que bem degola,
Bem multiplica os revezes.

Lá chega o alarma á Cidade!
Lá vem mouros descançados
Em descançados ginetes:
Cavalleiros esforçados,
Que chamão por Sam Thiago,
Não têm de que ter cuidados.

Gonçalo Hermiguez, o cabo,
Avante! brada e não al:
Brilha o valente nas lides,
Que aly não acha rival,
Aquelle cabo entre todos
Sanhudo e forte e fatal.

Maneja tam facilmente
O seo pesado montante,
Que Alcides com sua clava,
E nem o Titan gigante,
Serra a serra sobrepondo
Não tinha aquelle semblante.

Eilo vai per entre os moiros,
Abre entre elles larga estrada ;
Quem fica em prisão de guerra,
Quem lá foge em debandada!
Ficão moiras prisioneiras,
Mulheres — gente coitada !

Gonçalo Hermiguez emtanto
Vio que longe lhe fugia
Linda moira desmaiada,
Que hum moço moiro cingia,
Dando d'esporas ao bruto,
Que mais que o vento corria!

Vai sobre elles sem tardança :
Com quanto de arremeção
Matal-o tambem podera ;
Certo o fizera, senão
Temesse que a moira bella
Morresse de sua mão.

Mais logo que foy com elle,
D'hnm golpe que despedio,
Cerce o cortou pelo meio:
Golpe assi nunca se vio!
E a moira tomando em braços,
Azinha daly fugio.

Passou terrivel com ella
Por meio da gente fera;
Quem n'o vira tam sanhudo
Leão raivoso o dissera,
Passando ao travez dos homens
Com a preza que fizera.

Eis nasce novo cambate,
Nova peleja maior!
Muitos homens contra hum homem,
Contra hum forte lutador;
Mas hum só que a todos vence
Em força, esforço, e valor!

Mal podia a mão sinistra
Vibrar a sangrenta espada
Co'o pejo d'aquella moira
Disputada e desmaiada,
Cujo corpo em dois pendia,
Como huma frexa quebrada.

Mas inda assi despedia
Hum golpe e outro cruel:
E de encontro á este, á aquelle
Mandava o seo bom corcel,
Que a turba multa alastrava
Aos pés do nobre donzel.

Quando a ventura he incerta,
Acerta em aventurar
Quem a empreza disputada
Tem dezejos de acabar :
Só elle demóra em terra,
Que os seos ja são sobre o mar!

Torce as redeas ao ginete,
Larga carreira arrepia,
Larga estrada co'o montante
Por entre os mouros se abria,
Despedia muitos golpes,
Muitos estragos fazia.

Chega a praia, os seos avista ;
Mas os mouros perto vêm!
Como isto vio, torce o rosto,
Medonho como ninguem ;
Temem-se mouros de o verem,
Parão, como elle, tambem!

Vão assi feros monteiros
Traz d'hum urso mal sangrado,
Que de repente a carreira
Revira, e volta agastado :
Parão monteiros ao vel-o
Raivoso e mal assombrado.

E a fera d'aquelle pasmo,
Sabendo em seo bem valer-se,
Vai a passos descançados
Em densa mata esconder-se,
Sem temor da monteria,
Sem dos monteiros temer-se.

Tal o forte Traga-mouros
Salta dentro do baixel;
Na praia ficão pasmados
Mouros, do feito novel,
Tamanho, que nem sonhado
Foy jamais por menestrel.

E os companheiros aos ventos
Desfraldão velas e panos,
Deixando as praias tingidas
Em sangue por muitos annos;
Quantos bastem, porque chorem
Seo dezar os musulmanos.

Aos alegres companheiros
Disse o guerreiro feliz:
«Das prezas, que nos fizemos,
Quero tam só a que eu fiz,
A moura que por seo nome
Fatima em Turco se diz!»

Então aquelle seo canto
Principiou a compor:
Cant'eu por vergonha minha,
Em bem que o saiba de cór,
Digo que sal lhe não acho,
Nem sei de coiza pior.

Mas era o soláo por certo
Aos tempos acommodado,
Que de outro cantar não acho
Que fosse mais decantado,
Nem Figueiral Figueredo,
Nem o Ficade coitado.

E a moira já bautisada
Pertenceo ao lidador,
Duas vezes conquistada
Polo donzel, seo senhor,
Primeiro á força de espada,
Depois á força de amor.

Era assi n'aquelle tempo
Coiza sabida e seguida,
Remanso depois da gloria,
Descanço depois da lida,
E a fé que espera e milita
Nos actos todos da vida!

Vede vós quammanho he o lucro,
Que lucra a moira pagã,
Desposando o cavalleiro,
Tornada e feita christã;
He vida e sangue de hum homem,
Não de infieis barregã!

He como tropheo ganhado
Em guerras de religião
Por algum peito devoto,
Que por sua devação
Prometteo dependural-o
Dentro de templo christão.

O canto aqui finaliso!
Não devo d'hir por diante,
Narrando casos da vida
Per natureza inconstante,
Trabalhos que sempre durão,
Prazer que dura hum instante!

Foy o cabo dos amores
A moça moira acabar
E sobre hum covão aberto
Hum homem posto a chorar,
Hum homem de dó coberto,
A carpir-se, a prantear!

# NOTAS.

# NOTAS.

## A NOITE.

Nos « Primeiros Cantos » publiquei com este mesmo titulo outra composição, que todavia melhor se diria « O Templo. » Se pois algum dia forem estes hymnos reimpressos, chamal-os-hei para os differençar « o Templo » á aquelle, e a este « a Noite. »

« Será vencida a morte. »

Ero mors tua, á mors. Oseâ.

« Virás, sol da justiça, »...

Orietur vobis sol justitiæ. Malach.

« Pequeno e humilde. »

Nisi efficiamini sicut parvuli, non intrabitis in regnum cœlorum. Math.

## TABYRA.

« Tobajaras, o povo senhor. »

Ces Tobaïaras qui réclamaient l'antériorité dans la domination du pays, et qui se donnaient un titre équivalent à celui de *seigneurs de la contrée.* »

Ferdinand Denis. — *Histoire du Brésil.*

« Tabajaras são os indios principaes do Brasil, e pretendem elles serem os primeiros povoadores e senhores da terra. O nome, que tomarão, o mostra; porque *yara* quer diser senhores, *tobá* quer diser rosto; e vem a diser que são os senhores do rosto da terra, que elles tem pella fronteira do maritimo em comparação do sertão. »

Padre Simam de Vasconcellos. *Noticias do Brasil. L.* 1 *n.* 156.

Escrevendo Tobajaras segui, por ser mais euphonico, a ortographia do Padre Vasconcellos. Convem todavia confessar que se não deveria diser *Tobajaras*, como este Chronista, mas *Tabajaras* ou *Tabaíaras*, como Ferdinand Denis, que mais se conforma com a ethimologia, « Taba e Iara ou Yara ». Tabajaras é litteralmente como se dicessemos, os senhores ou dominadores das Aldeias.

Parece-me melhor esta ethimologia, não por ser minha, mas por que rosto na lingua tupy, que os Tobajaras fallavão, como bem se vê dos seos nomes proprios, escrevia-se não — *tobá*, — mas — *cobá*. — Alem de que, sendo como quer o Padre Vasconcellos, seria a palavra de quasi nenhuma significação para a idea que se dis representar.

Por isso mesmo que os Tobajaras occupavão o littoral, é de suppor que elles fossem antes os conquistadores, que os primeiros povoadores do paiz. Os conquistadores, como homens que erão, carentes das mais simples noções de agricultura, deverião de preferencia escolher as praias como mais mimosas da naturesa e mais fartas, recalcando assim para o centro das matas o incolas premitivos do paiz. E' isto o que sabemos da historia de todos os povos barbaros. Os Tobajaras portanto dominárão pela conquista e quadra-lhes optimamente o nome que tomárão de senhores das aldeias — de *Tabajaras*.

« Caraibas taes feitos applaudem. »

No Dicionario Portuguez e Brasiliano lê-se — *Cary'bas*. — Ora

como nesta lingua o *y* tem o som do grego ou do *u* francez, disserão alguns — Cariubas, outros — Caribas, donde por fim nos veio a outra mais soante de « Caraíba. » Os Indios que passavão das rapidas e difficeis jornadas do Padre Anchieta, chamarão-no a seu modo —Caraybebê— ou o Portuguez que voava.

« Potiguares lá vem denodados »

Disem uns Potiguares ou Potiguaras, outros Pitigoares. Delles escreve o Padre Vasconcellos:

« Em segundo logar (*depois dos Tobajaras*) os Potiguares forão sempre indios de valor, e se fizerão estimar pelas armas, que por longos annos moverão contra os Tobajaras : nas quaes tiverão encontros dignos de historia ; porem não me posso deter em contallos,... punhão em campo vinte até trinta mil arcos.

Not. do Brasil. L, 1 n. 157.

# SEXTILHAS DE FREI ANTÃO.

Estes cantos forão extrahidos de alguns dos Historiadores portuguezes. Os da Princeza Sancta e S. Gonçalo—da Historia de S. Domingos por Fr. Luiz de Souza ; o de D. João —dos Elogios latinos do Padre Antonio de Vasconcellos ;— o de Gonçalo Hermiguez da Chronica de Cister; o de Gulnare e Mustaphá é todo phantasiado, ainda que tenha por base um facto historico, —os escravos mouros trazidos d'Africa por Affonso V de mimo a Princeza D. Joanna, que lhes mandou passar carta de alforria a quantos se quiserão baptisar.

Quanto aos vocabulos que emprégo, achão-se todos no Dicionario de Moraes, bem que as mais das vezes no sentido antiquado. E' assim que uso de — porém, porende— em vez de — por isso, — de perol em vez de porem, — de ora, embora — em vez de agora, em boa hora &.

## LOA DA PRINCEZA SANCTA.

« Ante os leões de Castella
« Curvada a luza cerviz! »

Figuro terem sido compostos estes cantos na primeira metade do seculo XVII; por isso alludo frequentemente ao dominio dos Felippes em Portngal. Assim é que lemos no rimance de Gulnare e Mustaphá.

« O dó de Alcacer-Quibir. »

E no solão do Senhor rey Dom João:

« Ao duro mal que passamos...»

Escusado é dizer-se que deveria ter sido Frei Antão dos mais teimosos macrobios que nunca existirão, para ser ainda em vida por aquelle tempo. Não se sabe de quando foi da sua morte; mas delle dis Frei Luíz de Sousa, que em 1490 já era muito velho, e tinha administrado grandes cargos na ordem de S. Domingos, a que pertenceo.

## GULNARE E MUSTAPHA'.

Diz a Princeza D. Joanna:

« Que eu tenha escravos e mouros, »
« Rainha de Portugal. »

A Chronica de Cister tão bem dis, fallando da Princeza D. Thereza, filha de Sancho I.

« Viuendo a santa *raynha*, foy Deos servido levar para si a el-Rey seu pay, a quem succedeo no reyno dom Afonso o segundo do nome.»

L. 6. C. 32.

« Raynha (diz Fr. Luiz de Sousa) lhe chamão as historias antigas, que era o titulo com que então se tratavam as filhas dos reys. »—H. de S. D. — L. 1.C. 11—.

## LENDA DE S. GONÇALO.

« Bom sancto foy Sam Gonçalo,
« Pezar que foy portuguez ! »

Não escrevo satyras : quer isto diser que foy tão grande sancto S. Gonçalo, que apezar da sua nacionalidade, mesmo os seos, com quanto despresem tudo que lhes pertence, o apregoão e celebrão. E' frase de todas as suas chrouicas, ou antes imitação d'aquelle muito celebrado conceito de um dos seos classicos.

—« por natureza
E constellação do clima,
Esta gente portugueza
O nada estrangeiro estima,
O muito dos seos despreza. »—

» Bons portuguezes antigos. »

Portuguez — moeda antiga de Portugal do valor, creio eu, de quinhentos reis.

## SOLA'O DE GONÇALO HERMIGUEZ.

« Então aquelle seu canto »
« Principiou de compor. »

E' este o soláo de Gonçalo Hermiguez. Julguem os entendedores da critica de Fr. Antão.

« Tinherabos, nam tinherabos.
Tal a tal ca monta!
Tinheradesme, nom tinheradesme,
De la vinherades, de ca filherades
Ca amabia tudo em soma.

« Per mil goiuos trebelhando
Oy oy bos lombrego
Algorem se cada folgança
Asmei eu; per que do terrenho
Nom ahi tal preschego.

« Ouroana, Ouroana oy tem per certo
Que inha bida do biber
Se aluidrou per teu aluidro per que em cabo
O que cuei de la chebone sem referta,
Mas não ha per que se ver. »

# INDICE

## Dos Cantos e Sextilhas.

Prologo V.

SEGUNDOS CANTOS.

PRIMEIRA PARTE.

Consolação nas lagrimas. 3
Canção. 6
Lyra. 8
Agora e sempre. 10
A virgem. 13
O Donzel — Soláo. — 15
Rosa no mar. 21
O Amor. 25
Sempre ella. 28
Mimosa e bella. 31
As duas amigas. 35
Sonho. 38
Harmonias. 41
O Bardo — Visão. — 46
Solidão. 52
A um Poeta exilado. 56
Palinodia. 59

Os suspiros. 64
Queixumes. 68
Ao Anniversario de um casamento. 76
Canto Inaugural. — A' memoria do Conego Januario da Cunha Barboza. 79
A' desordem de Caxias. 83

## POEZIA AMERICANA.

Aos Pernambucanos — Dedicatoria. — 93
Tabyra. 95

## HYMNOS.

A' Lua. 107
A Noite. 112
A Tempestade. 116

## SEXTILHAS DE FR. ANTÃO

### — SEGUNDA PARTE. —

Loa da Princeza Sancta. 125
Gulnare e Mustaphá. 153
Lenda de S. Gonçalo. 201
Soláo do Senhor rey D. João. 231
Soláo de Gonçalo Hermiguez. 253
Notas 285

## ERRATAS.

| Pag. | Linh. | Erros. | Emendas. |
|---|---|---|---|
| 7 | 10 | de se veste | — de que se veste |
| 64 | 5 | Afina | — A fina |
| 81 | 15 | dura o afan | — duro o afãn |
| 96 | 11 | Tas Tabyra | — Mas Tabyra |
| 97 | 1 | que fòra | — que fòra? |
| 98 | 6 | fagueiro | — fragueiro |
| 108 | 25 | suadario | — sudario |
| 128 | 13 | tenha-los | — tinha-los |
| 144 | 9 | Praquejão | — Praguejão |
| 184 | 15 | constinges | — constringes |
| 189 | 5 | que céo | — que o céo |
| 190 | 3 | que mal que vos | — que mal vos |
| 192 | 2 | da vaga | — da voga |
| 198 | 13 | por este vento | — por este evento |
| 210 | 17 | Elle coitados | — Elles coitados |
| 227 | 8 | o não puz | — a não puz |

JUN 3 1934

Deacidified using the Bookkeeper process.
Neutralizing agent: Magnesium Oxide
Treatment Date: Dec. 2008

PreservationTechnologies
A WORLD LEADER IN COLLECTIONS PRESERVATION
111 Thomson Park Drive
Cranberry Township, PA 16066
(724) 779-2111

LIBRARY OF CONGRESS
0 024 295 855 A